

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

RENATA DA CONCEIÇÃO SIQUEIRA

A NÃO NEUROSE NO FILME NINFOMANÍACA DE LARS VON TRIER:

Considerações sobre a neurose, a não neurose e a estruturação psíquica.

SÃO PAULO

2015

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

RENATA DA CONCEIÇÃO SIQUEIRA

A NÃO NEUROSE NO FILME NINFOMANÍACA DE LARS VON TRIER:

Considerações sobre a neurose, a não neurose e a estruturação psíquica.

Trabalho de conclusão de curso como exigência parcial
para graduação no curso de Psicologia, sob orientação da
Prof^a. Dr^a. Ruth Gelehrter da Costa Lopes.

SÃO PAULO

2015

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus pais, por acreditarem em mim e me darem a grande oportunidade de fazer algo que eu gosto. Sem vocês nada disso seria possível.

A Bruna, irmã querida, que está sempre lá quando eu preciso e tem o dom de me acalmar.

Ao Will, por toda a sua paciência, carinho e companheirismo; por sempre ser um grande incentivador.

Aos meus amigos queridos da PUC e do colégio; não sei o que seria dos meus dias sem vocês.

À minha orientadora, Ruth, por toda a sua colaboração.

À minha analista, por todo o seu apoio e por me ajudar a atravessar momentos difíceis e importantes da minha vida.

A todas as outras pessoas que estiveram direta ou indiretamente envolvidas neste trabalho, muito obrigada.

RESUMO

SIQUEIRA, Renata da Conceição. **A Não Neurose no Filme Ninfomaníaca de Lars von Trier**: considerações sobre a neurose, a não neurose e a estruturação psíquica, 2015.
Orientador Prof^a. Dr^a. Ruth Gelehrter da Costa Lopes.

Este trabalho de conclusão tem como objetivo discutir a partir da análise do filme “Ninfomaníaca” do diretor dinamarquês Lars von Trier, o conceito cunhado por André Green de não neurose, o qual reúne as organizações psíquicas que se distinguem por falhas na constituição do narcisismo. Na trajetória da constituição psíquica do sujeito, sabe-se do papel fundamental que o objeto ou a mãe exerce no narcisismo primário do bebê, ajudando-o ou não a ascender ao narcisismo secundário e ao estabelecimento de relações objetais. Para compreender como se dá a falha na constituição do narcisismo do bebê e a formação da não neurose, há primeiro uma retomada histórica e conceitual sobre a neurose e sua estruturação psíquica. Em seguida, apresenta-se a não neurose, suas principais características e defesas psíquicas. Por fim, analisa-se o filme, relacionando a teoria vista até então à protagonista e à sua história de vida relatada a um importante personagem da trama.

Palavras-chave: não neurose; neurose; estruturação psíquica;

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
1 O FILME NINFOMANÍACA	9
2 NEUROSE	20
2.1 Conceito	20
2.2 O Aparelho Psíquico	22
2.3 Estruturação do Psiquismo	25
3 NÃO NEUROSE	31
3.1 Conceito	31
3.2 Funcionamento Psíquico	33
3.3 A (Não) Estruturação Psíquica	36
3.4 Características e Defesas	39
4 ANÁLISE DO FILME	44
4.1 Joe, a Ninfomaníaca	44
4.2 Os Encontros de Joe	51
4.3 Seligman, o Pescador (In)Completo	55
4.4 O Final do Filme	58
CONCLUSÃO	60
REFERÊNCIAS	63

INTRODUÇÃO

A neurose é uma patologia estudada há muito tempo pela medicina. Inicialmente, passava como uma doença dos nervos, cujas causas eram desconhecidas. Somente no final do século XIX e início do século XX, com o surgimento da psicanálise, é que ela vai ser compreendida de forma totalmente diferente; como um sofrimento psíquico ligado à repressão das pulsões sexuais e agressivas, desviadas para fins socialmente aceitáveis. A neurose era, portanto, a expressão da modernidade; de uma sociedade com instituições e valores rígidos que ditavam como a vida deveria ser vivida, levando o homem a certo tipo de sofrimento psíquico.

Os tempos mudaram, a sociedade já não é mais a mesma. Estudiosos dizem que vivemos a pós-modernidade, caracterizada pela fragilidade das instituições, pelas incertezas, pelo consumismo, pela velocidade das informações, pelo ideal de sucesso nunca alcançado e, conseqüentemente, pela responsabilização cada vez maior do sujeito quanto ao rumo de sua vida. Tudo isso leva a uma nova forma de adoecimento psíquico: a não neurose, termo cunhado pelo psicanalista André Green para dar conta das organizações psíquicas que se distinguem por falhas na constituição do narcisismo. O tédio, a solidão, a depressão, as compulsões, os distúrbios alimentares, as somatizações e perversões são queixas cada vez mais comuns nos consultórios e são tipos de manifestações da subjetividade não neurótica.

O interesse sobre a questão da neurose e não neurose foi despertado após assistir ao filme *Ninfomaníaca*, do dinamarquês Lars Von Trier (2013). No filme acompanhamos a história de Joe, que nos momentos iniciais da trama é encontrada ferida e desmaiada por um desconhecido. Ele a leva para a sua casa e lá, Joe revela ser uma ninfomaníaca e um ser humano ruim. O desconhecido, que se apresenta como Seligman, mostra-se um homem bastante racional e logo questiona o fato de existir uma pessoa naturalmente má. Joe resolve, então, contar sua história de vida - indo desde a infância até o atual momento - para comprovar seu ponto de vista. Ao longo do filme, seguem-se cenas de sexo explícito; digressões sobre a natureza do ser humano, religião, pesca e música. Conforme Joe avança na história, as cenas ficam cada vez mais violentas e o sexo mais frequente. Percebe-se que a personagem entra em um ciclo mortífero de dor e destruição.

Inicialmente, fiquei perplexa perante a compulsão à repetição da protagonista e propus-me a estudar a pulsão de morte e seu caráter de desligamento e repetição, mas logo percebi que havia algo anterior a essa questão: uma forma de ser e sofrer da personagem que não são característicos da neurose e sim, da não neurose.

Joe, a personagem principal do filme, será a fonte de análise deste trabalho para se chegar ao objetivo proposto: a discussão sobre a não neurose e a sua manifestação. A protagonista elabora uma narrativa sobre a sua vida, bem como uma série de reflexões, construídas com o auxílio de outro importante personagem, Seligman. Desta maneira, o objeto de maior enfoque é o filme em si, discutido e abordado a partir de teóricos que percorrem o tema da não neurose. Propõe-se, portanto, analisar o filme *Ninfomaníaca*, do diretor Lars von Trier, a partir da teoria psicanalítica.

Vale lembrar que escolher um filme como objeto de estudo apresenta certos riscos. O principal são as múltiplas possibilidades de interpretações que um filme encerra sobre si, pois a cada olhar, a cada vez que é assistido, novas descobertas são feitas. Isso se dá especialmente na obra de Lars von Trier, cujos personagens e tramas são complexos e repletos de símbolos.

Isto posto, o trabalho parte de uma primeira questão: o que há por trás do comportamento repetitivo e destrutivo da personagem principal do filme? Essa pergunta nos leva a um questionamento fundamental para o entendimento da protagonista: há uma relação entre a subjetividade não neurótica e a forma de ser e de sofrer de Joe?

Para responder essas perguntas é necessário entender, primeiramente, o que é a neurose - sua estruturação psíquica e principais mecanismos de defesa – para depois compreender o que ela não é, ou seja, o que falhou na constituição do psiquismo e resultou na não-neurose. Para isso, tomo como base as ideias de autores como Minerbo, Hegenberg e Figueiredo, que se debruçaram sobre a questão das subjetividades que se organizam por falhas na constituição do narcisismo. Dentre eles, utilizo como principal referência, a psicanalista Marion Minerbo e sua obra *“Neurose e não neurose”*. Além disso, resgato alguns dos textos de Freud em que ele apresenta conceitos fundamentais para o entendimento da neurose, do aparelho psíquico e sua constituição, como: *“Histeria”*, *“O ego e o id”*, *“Três ensaios sobre a sexualidade”*, *“Além do princípio do prazer”* e *“Sobre o narcisismo: uma introdução”*.

Esta análise é construída ao longo de quatro capítulos. No primeiro, apresento uma visão geral sobre a vida e obra do diretor Lars von Trier. Em seguida, descrevo a história do filme, dividido em dois volumes, para análise em capítulos subsequentes.

O segundo capítulo volta-se à apresentação e aprofundamento da neurose. Faço um panorama histórico e breve sobre essa psicopatologia na medicina e sua importância para a psicanálise. Em seguida apresento o aparelho psíquico, proposto por Freud, a partir do ponto de vista topológico, dinâmico e econômico. Por último, relato como se dá o processo de constituição psíquica na neurose.

O terceiro capítulo traz os conceitos primordiais da discussão: a subjetividade não neurótica. Defendo que a não neurose é uma forma de adoecimento da sociedade pós-moderna e novamente descrevo o processo de estruturação psíquica, só que dessa vez com as consequências de um ambiente falho. Também exploro os principais mecanismos de defesa nesse tipo de organização psíquica.

No quarto capítulo faço a ligação entre os conceitos e a análise do filme em si. Para tanto, resgato primeiro a história da personagem principal, relacionando a teoria não só com o que ela conta, mas também com o que se supõe de sua vida. Em seguida, exploro as relações que ela trava com outros personagens que cruzam sua vida. Dedico especial atenção ao final do filme.

Por fim, nas Considerações Finais, respondo às perguntas iniciais e descrevo o que este trabalho me suscitou e o que espero ter provocado no leitor: uma reflexão sobre a não neurose através do olhar sobre o filme e também, como o objeto tem um papel fundamental no processo de estruturação psíquica do sujeito.

1 O FILME NINFOMANÍACA

Ninfomaníaca (2013) é um filme polêmico, não só por causa das suas fortes cenas de sexo explícitas, mas também por ser o último filme da barulhenta trilogia da Depressão do diretor Lars von Trier, polêmico em si. Considerado um gênio por muitos e por outros cruel, sexista, machista, anticristo e ainda, nazista; é quase impossível separá-lo de sua obra. Sua extensa filmografia é reflexo de sua história de vida e da influência de temas caros ao diretor como a música, a literatura e a religião.

Nascido e criado na Dinamarca, Lars von Trier cresceu em uma família judia, muito ligada à cultura e às artes em geral; tudo era permitido em sua família, contanto que não se relacionasse ao religioso e ao sentimental. No início da carreira, seus filmes exibiam uma preocupação bastante rígida com a estética, mas com o passar do tempo, essa rigidez foi dando lugar a uma frequente mudança temática e estética em suas obras. Isso se deu principalmente por causa de dois grandes acontecimentos em sua vida: a descoberta de seu verdadeiro pai e sua conversão ao catolicismo. “Essa revelação o faz percorrer caminhos proibidos da infância, ou seja, a busca por algum tipo de consolo ou resposta o carrega diretamente para a religião, nesse caso, de encontro ao catolicismo” (Arielo, 2013, p.17).

A religião, o catolicismo, a discussão entre o bem e o mal, as angústias e mazelas da condição humana são temas recorrentes em sua obra. Muito por conta da influência de três grandes diretores: o sueco Ingmar Bergman, o russo Andrei Tarkovski e o dinamarquês Carl Theodor Dreyer. Do primeiro, Lars von Trier herdou a religiosidade, as tramas que questionam a fé e a construção de complexas personagens femininas. Do segundo, a sacralidade, a estética, além da busca por tramas ligadas à espiritualidade, ao sofrimento e à angústia. De Dreyer, a ideia de religiosidade que atingiu diretamente os anseios de Trier, influenciando-o na conversão ao catolicismo.

Envolto nessa criação bastante diversificada, von Trier concebe uma extensa bagagem artístico-cultural que define seu cinema para além do lugar-comum hollywoodiano. Sua influência musical vai de Richard Wagner à David Bowie; na filosofia, Sade e Nietzsche o envolveram na questão da morte e da religião; Strindberg e Kafka foram ícones na literatura; Munch e os expressionistas alemães na pintura; Brecht na poesia e teatro. Essas múltiplas influências são citadas direta ou indiretamente em seus filmes (...) (Arielo, 2013, p. 21).

A cada novo filme lançado, a mídia sempre dá um grande destaque a Lars von Trier, não só por causa de suas polêmicas declarações, mas também pelo impacto que seus filmes causam em quem os assiste. A trilogia da Depressão, a última filmada até o momento, gerou especial polêmica, primeiro por causa das fortes cenas de violência e de mutilação de genitais do seu filme de abertura, *Anticristo* (2009). Depois, por causa da expulsão de von Trier do festival de Cannes quando da estreia do segundo filme, *Melancolia* (2011), após declarar compreender e simpatizar com Hitler. E, finalmente, por causa da intensa propaganda do último filme, *Ninfomaníaca* (2013), que consistia, primariamente, de imagens dos atores simulando orgasmos.

A trilogia da Depressão leva esse nome provavelmente porque Lars von Trier enfrentava à época, uma profunda depressão. Os três filmes são em certa medida autobiográficos, como a maioria de seus filmes, e mostram, mais do que nunca, a obscuridade do ser humano e da natureza, o desconhecido e incontrolável que habita todos nós. As três protagonistas sofrem por suas condições e ao assistirmos os filmes pela primeira vez, temos a impressão de que elas não têm um final feliz. Contudo, não existe certeza e, como tudo que é da autoria de Lars von Trier, os finais são repletos de metáforas e simbologias.

Ninfomaníaca (2013) é dividido em dois volumes, de aproximadamente duas horas cada. Em cerca de quatro horas, o filme conta a história de Joe, uma misteriosa mulher que aparece machucada no chão frio de um beco. Seligman, um homem mais velho, a encontra e resolve acolhê-la. Em sua casa, Joe se apresenta como uma pecadora e um ser humano ruim, autointitulando-se ninfomaníaca. Seligman a questiona e a convida a contar sua história ao que Joe hesita, mas por fim aceita. Destarte, ela começa lentamente a tecer uma narrativa sobre sua história de vida com o objetivo de provar o quanto é um ser humano ruim e incurável. Seligman a escuta pacientemente, fazendo pontuações, comparações metafóricas e decifrando os sentidos de suas falas.

Como a maioria dos filmes do diretor, a história de Joe se desenvolve em oito capítulos, os quais ela própria nomeia. As temáticas dos capítulos são dadas a partir de associações feitas por ela, após uma reflexão feita por Seligman ou do achado de algum objeto presente no quarto dele. O primeiro volume conta com os seguintes capítulos: O pescador completo, Jerome, Sra. H., Delírio e A pequena escola de órgãos. O segundo volume: A igreja oriental e a ocidental (o pato silencioso), O espelho e A arma.

Por causa de seu conteúdo impactante e das cenas explícitas de sexo, o filme sofreu, a contragosto de Lars Von Trier, cortes e edições de cenas, que reduziram seu tempo original de cinco horas e meia para as quatro horas mencionadas. Vale destacar que o filme assistido e analisado no trabalho não é a versão original do diretor e sim a exibida comercialmente (com cortes). A seguir apresento a história dos dois volumes.

VOLUME I

O filme inicia-se lentamente. Nos primeiros minutos, a tela permanece escura e só ouvimos um misto de barulho, talvez água correndo e no fundo, o som de algo metálico. Aos poucos a tela escura dá lugar a uma cena de água escorrendo em uma parede de tijolos. Por alguns minutos, a câmera percorre o caminho que a água faz, nos revelando cada um dos barulhos que ouvimos minutos atrás: gotas pingando de um telhado repleto de neve e caindo em uma tampa de metal de uma lixeira. Lentamente, a câmera se dirige até o chão do que parece ser um beco, e focaliza uma mão ensanguentada. Há uma mudança de câmera, que focaliza em algo que se assemelha a um buraco em uma das paredes. Um buraco escuro que aos poucos vai envolvendo a tela, até ela voltar a ficar totalmente preta. Essas cenas parecem ser fragmentos da história contada a seguir e sugerem que nos preparemos para adentrar a escuridão e descobrir o que há por trás dela.

De repente inicia-se uma música da banda Rammstein¹, mostrando uma mulher desmaiada no chão do mesmo beco. Outra sequência exhibe o corredor de uma casa, repleta de livros e um homem aparece, arrumando-se para sair. Em seguida, ele está andando na rua e passa em frente ao beco em que a mulher se encontra. Enquanto isso, na mesma sequência, o vemos fazendo compras e voltando pelo mesmo caminho. Mas algo o detém e ele resolve entrar no beco e ajudar aquela mulher desmaiada. A letra da música de fundo revela o que está por vir: “*precisamos nos conhecer. Um corpo, dois nomes (...) leve-me, prenda-me. Eu sinto você, não vou te deixar*”².

Assim como começa, a música pára. O homem então se agacha e diz que vai chamar uma ambulância. A mulher responde fracamente que não, não precisa de uma ambulância.

¹ Rammstein é uma das bandas alemãs mais famosas do mundo. Conhecida pelas suas músicas de *heavy metal* ou *metal industrial*, possui vocais falados e guitarras “pesadas”. A música usada no filme chama-se *Führe Mich*, algo como “leve-me” em português.

² Tradução retirada do site: <http://letrasweb.com.br/rammstein/fuhre-mich-traducao.html>

Ele insiste e ela diz que vai embora. Depois de trocarem algumas palavras, ele pergunta se ela precisa de alguma coisa, ela responde “gostaria de uma xícara de chá com leite”. Ele então, responde que não serve chá na rua e a ajuda a se levantar.

Já em sua casa, ele pergunta o que aconteceu. Ela responde “a culpa foi minha. Sou um ser humano ruim”. Ele rebate dizendo que nunca conheceu um ser humano ruim e a convida a falar sobre o assunto. Após hesitar, ela olha para a parede e vê um anzol pendurado e pergunta o que é isso. Ele responde “é uma mosca. Peguei um peixe bem grande com isso uma vez. Por estranho que pareça”. E continua: “Na pesca com mosca, amarra-se penas e outras coisas a um anzol de modo que pareça algo que um peixe gosta de comer. Como a mosca é muito leve, é preciso uma linha pesada. Dá velocidade ao lançar a isca”. Essa sequência é intercalada por cenas de um homem pescando e após esta última frase, mostra-o lançando a isca, close na linha e no anzol e em seguida, corta para a mulher tomando chá. Ele continua dizendo que quando pequeno, idolatrava um livro chamado “O pescador completo” de Izaak Walton, era quase uma bíblia da natureza para ele. A mulher então, se levanta e diz que sabe por onde começar sua história, mas adverte-o que vai ser longa e com cunho moral.

Nomeia o capítulo I de “O pescador completo” e inicia sua história. Começa falando sobre suas primeiras experiências sexuais, sua curiosidade em relação ao órgão genital feminino e masculino. Quando criança folheava os livros de anatomia de seu pai médico e inventava com sua amiga B. diversas brincadeiras para sentir sua vagina de formas diferentes e se masturbar.

Ao contrário do pai, a quem ela amava muito, sua mãe, Katherine ou Kay, é apresentada pela primeira vez como “vadia insensível” e como alguém que “sempre dava as costas ao jogar Paciência”. Ela ainda diz que odiava Paciência. Seu pai é mostrado como alguém muito afetuoso, que adorava contar sobre as árvores e suas folhas, “considerava isso parte de uma boa educação”. Ele gostava especialmente das histórias educativas infantis, que contava para ajudá-la a se lembrar do que aprendera.

Aos 15 anos, não suportando mais sua virgindade, ela procura um garoto, Jerome - dono de mãos fortes e de uma mobinete – para ter sua primeira relação sexual. E, assim, ela perde sua virgindade com poucas palavras trocadas e oito estocadas, três na frente e cinco atrás, números humilhantes que, nas próprias palavras, ela nunca esqueceria. Naquele momento, ela jura que nunca mais faria sexo com qualquer pessoa.

Porém, o juramento não durou muito e anos mais tarde, ela parte junto com sua amiga B., em uma viagem de trem. Ambas competem para ver quem consegue ter relações sexuais com a maior quantidade de homens até o destino final. A mulher diz que descobre então, o jogo da sedução e do poder e através de algumas poucas perguntas padrão e gestos, ela ganha o jogo. As duas parecem não procurar prazer, o único sentimento que o sexo parece despertar na mulher, é o tédio. Aliás, elas parecem estar sempre entediadas.

Ela conta que descobriu então, seu poder de mulher e o usou indiscriminadamente, sem levar em consideração os outros. Confessa sentir-se arrependida e se achar um ser humano terrível por isso. O homem tenta aliviar sua angústia, atestando que ela não fizera nada demais até então. Ela claramente se irrita com o comentário.

Depois de um tempo, os dois se apresentam. Ela se chama Joe e ele, Seligman. Um nome judeu, que significa “o feliz”. Joe pergunta se ele é feliz, ele responde que sim, à sua maneira. Ao avistar o *rugelach* (bolo judeu) servido com um garfo de bolo, ao lado do seu chá, Joe comenta que é “irritantemente pouco viril e completamente feminino”, pois para ela o *rugelach* é um *croissant*. Isso a faz lembrar de alguém que também comia o doce todos os dias com um garfo de bolo e assim, ela nomeia o próximo capítulo de “Jerome”. Neste meio tempo, relata que a brincadeira no trem aumentara seu apetite sexual e que a partir de então passara a contar com inúmeros parceiros sexuais por dia.

Ainda na adolescência, Joe e B. fundam uma seita, chamada “O pequeno Rebanho”, formada por um grupo de meninas rebeldes ao amor romântico e defensoras do direito de a mulher ter relações sexuais e sentir tesão. Combatem a sociedade obcecada por amor e por isso, não podem ter namorados ou transar com o mesmo cara mais de uma vez. Mas, aos poucos, as integrantes vão se apaixonando, o rebanho vai diminuindo e Joe resolve abandoná-lo. Joe diz a Seligman que para ela “o amor era só luxúria acrescida de ciúme. Todo o resto era pura bobagem. Para cada cem crimes cometidos em nome do amor, só um é cometido em nome do sexo”.

Mais tarde, Joe resolve seguir os passos do pai e estudar medicina. Entretanto, não consegue seguir até o final. Passa, então, a trabalhar como secretária em uma gráfica e descobre que seu chefe é Jerome, aquele com quem ela perdera a virgindade. Após muito rejeitá-lo e irritá-lo transando com inúmeros homens do escritório, Joe se apaixona por Jerome: “de repente, vi uma espécie de ordem no caos. Estava tudo muito errado. Eu queria ser uma das coisas do Jerome. Queria ser apanhada e largada infinitas vezes. Eu queria ser tratada pelas mãos dele, de acordo com algum princípio sofisticado que eu não

entendia. ”. Joe comenta que eram humilhantes seus sentimentos, envergonha-se do que se tornou, mas o amor estava além do seu controle. Quando finalmente toma coragem de expressar a Jerome seus sentimentos, descobre que ele se casara com a outra secretária e partira em uma viagem ao redor do mundo.

Aos poucos Joe se esquece dele e reage agressivamente a isso: seduz os mais variados tipos de homens e mantém relações sexuais com uma infinidade deles; o número é cada vez maior.

Ao avistar uma pintura semiexposta de uma mulher no quarto de Seligman, Joe parte para o terceiro capítulo, “Sra. H”.

A princípio, com o intuito de ser única em suas vidas, Joe tenta prever o que seus inúmeros parceiros gostariam de ouvir, mas em certo momento, ela se torna incapaz de diferencia-los. Então, como solução, inventa um método, um jogo do acaso: age de acordo com o número sorteado em um dado (variando de uma resposta excessivamente amorosa até a total rejeição).

Tudo não passa de uma brincadeira para ela: mente para seus parceiros, reproduz discursos prontos ora para agradá-los, ora para dispensá-los. Ela os tem na mão e o seu gozo não é o ato sexual em si, senão tê-los sob controle. Um dos exemplos disso é quando tenta dispensar um dos seus amantes, H. – um “idiota pegajoso”. Ao ser questionada sobre seu amor por ele, Joe afirma amá-lo e lamenta o fato de não conseguir levar a relação adiante por ele não abandonar sua família para ficar com ela. Para a surpresa de Joe, horas mais tarde, H. aparece em sua casa com sua mala, alegando ter renunciado a sua família. Contudo, sua mulher e seus três filhos o seguem e o embate é desencadeado; a esposa grita, chama Joe de prostituta, chantageia. Joe, no entanto, permanece inalterada e ao constatar a reação de espanto de Seligman no presente, ela diz que o episódio em nada alterou sua vida e acrescenta “não se pode fazer um omelete sem quebrar os ovos”.

Seligman, então, fala sobre vício e de como as pessoas culpam o viciado e outras, sentem pena dele. Joe rebate “Eu era uma viciada por luxúria, não por necessidade. E foi a luxúria que causou destruição em torno de mim. Em todos os lugares aonde fui. (...) Para mim, a ninfomania era insensibilidade”. É neste momento que Joe revela que apesar de estar sempre acompanhada por diversos homens, a solidão sempre fora sua fiel companheira, seguida pelo senso de futilidade. Quando tinha sete anos, ela teve que passar por uma pequena cirurgia e enquanto os médicos se preparavam para o procedimento, Joe se lembra de ter sentido muita tristeza, “era como se eu tivesse que

passar por um portão impenetrável sozinha. Não era só que sentia falta da minha mãe. Não sentia falta do meu pai, apesar de ele sempre ter sido ‘o bacana’. Era como se eu estivesse completamente só no universo. Como se todo o meu copo estivesse cheio de solidão e lágrimas”.

O próximo capítulo, “Delírio”, é assim nomeado após Joe ver o livro de Edgar Allan Poe na cabeceira de Seligman. Este conta que o escritor era um homem muito angustiado, que morreu de algo chamado *delirium tremens*, que ocorre quando após um longo período de abuso de álcool, há uma súbita abstinência; a pessoa passa a ter alucinações terríveis como ver ratos, cobras e baratas saindo do chão e rastejando nas paredes, além de sofrer de pânico e paranoia, até o momento em que a pessoa morre. De repente, as cenas se tornam preto e branco, anunciando a crueza da doença e da morte. Joe acompanha seu pai no hospital, enquanto ele delira, sofre e chora no leito. Sua mãe recusa-se a visitar o marido, ela não gosta de hospitais. Conforme seu pai vai piorando, percebemos a angústia e desamparo em que Joe se encontra, ela passa então, a buscar alívio no sexo na lavanderia do hospital. Quando seu pai morre, diante da cena dele morto no leito hospitalar e da sua mãe a olhá-lo, Joe se excita. Conta que se sente envergonhada e culpada por isso. Neste momento Seligman intervém e explica que é muito comum reagir sexualmente em uma crise, inclusive, segundo ele, na literatura há casos piores.

Ao falarem sobre música, algo de que Seligman gosta muito, ele comenta que está escutando Bach. Então, faz uma digressão sobre a polifonia e a peça que está escutando, que possui três vozes: a voz de baixo, a segunda voz tocada com a mão esquerda e a primeira, com a mão direita. Em seguida, Joe diz “Normalmente uma ninfomaníaca é vista como alguém que nunca se satisfaz e por isso, faz sexo com várias pessoas diferentes. Claro que isso é verdade, mas para ser sincera, vejo isso como a soma de todas essas experiências sexuais diferentes. Então, dessa forma, tenho apenas um amante.” Em seguida, se inicia o capítulo cinco: “A pequena escola de órgão”.

Joe continuava ativa sexualmente, chegando a transar com dez homens por dia. No entanto, como a música tem três vozes, ela se limita a falar de três deles. desempenharam papéis importantes em sua vida. O primeiro transmitia tranquilidade a Joe. Fazia exatamente o que ela queria, era previsível, monótono e cuidava dela; o segundo a excitava, gostava de ficar no comando, era imprevisível; o terceiro, Jerome. Novamente eles se cruzam.

Em uma cena improvável, ela o reencontra durante um dos seus repetitivos passeios que fazia no parque para descansar da vida estressante que levava. Ele estava de volta e havia brigado com sua esposa. Finalmente Jerome e Joe ficam juntos e mantêm uma relação sexual intensa. Joe se lembra de sua amiga B. falando que o ingrediente secreto do sexo era o amor. Ela pede para que ele preencha todos os seus buracos e assim, ele tenta. Ouvimos ao fundo, a tal música de três vozes, enquanto a tela se divide em três, mostrando cenas dela com seus amantes. Passado um tempo, Joe diz a Jerome que não está sentindo nada. O volume I termina com Joe se desesperando por não sentir nada durante o ato sexual. A música do Rammstein volta a tocar.

VOLUME II

Logo na primeira cena, Joe está deitada em sua cama, parece estar desolada. Jerome a olha com preocupação, ambos não trocam uma palavra. Em seguida, ele se levanta e vai atender a porta, depois desliga o telefone. Percebemos que ele está aparentemente irritado com os inúmeros parceiros e ligações que Joe recebe. Joe, por sua vez, perdeu a sensibilidade da vagina e não consegue mais atingir o orgasmo.

Ao relatar isso a Seligman, Joe se irrita com ele e suas explicações racionais; acusa-o de não se excitar com suas histórias e diz que o motivo só poderia ser o fato de ele nunca ter estado com uma mulher antes. Seligman, envergonhado, admite que é virgem, Joe, então pergunta se ele se lamenta por isso. Ele responde: “Sim, por curiosidade. Não por luxúria, como pode pensar. Eu me considero assexuado. Naturalmente, eu me masturbei quando era adolescente, mas não me causou nada especial. Então, não tenho nada de sexual. Não é tão raro quanto pode pensar. E, é claro, eu li muito sobre assuntos sexuais: ‘Os contos da Cantuária’, ‘Decameron’, ‘Mil e uma noites’. Pode citar qualquer um, que eu li com grande interesse e prazer. Mas só prazer literário. Mas talvez isso me torne um ouvinte melhor para sua história. Eu não tenho ideias preconcebidas ou preferências. Sou o melhor juiz a quem podia ter contado sua história. E quando se trata de decidir se você é um ser humano ruim ou não, não tenho problemas com isso. Não olho para você através de óculos coloridos pela sexualidade ou pela experiência sexual. Sou virgem. Sou inocente”.

Joe acalma-se e observa uma gravura da Virgem Maria segurando Jesus quando bebê, pregada na parede. Seligman esclarece que é um ícone da Igreja Oriental e pede licença para contar as diferenças existentes entre a Igreja Oriental (ou ortodoxa) e a Ocidental (ou católica). A primeira, as gravuras são predominantemente sobre a Virgem Maria e Jesus; Seligman a chama de igreja da felicidade, da alegria e da luz. A segunda, as gravuras são em sua maioria sobre a crucificação; sendo uma igreja do sofrimento, da culpa e da dor. Baseada em tudo isso, Joe nomeia o próximo capítulo de “A Igreja Oriental e a Igreja Ocidental”, esclarecendo que não será uma história em direção à luz, muito pelo contrário. Em seguida, adiciona “O pato silencioso” ao título para não deixa-lo muito triste.

Joe começa contando que ela e Jerome se tornam um casal, passam a viver juntos e por descuido, ela engravida. Ela não nutria expectativas em relação ao amor materno, aliás, isso não era um problema para ela. Mas, diz sobre Marcel, seu filho: “Toda vez que eu olhava nos olhos da criança, eu tinha a incomoda sensação de ter sido descoberta. É estranho dizer isso sobre uma criança, que meu amor não era correspondido. Mas, era a minha percepção”. Enquanto isso, o casal continua com uma vida sexual ativa e extenuante para Jerome, Joe continua ordenando que ele preencha todos os seus buracos até o momento em que ele não se diz mais capaz. Desta maneira, ele toma a difícil decisão de deixa-la se relacionar com outros homens, esclarecendo que seu esforço sexual era comparável ao de alimentar uma tigresa insaciável, e portanto, ele precisava de ajuda na tarefa. Mas, isso passa a perturbar Jerome.

Três anos se passam, Joe continua em sua busca pela satisfação sexual e se envolve em várias situações inusitadas, perigosas e até violentas. A mais significativa é quando ela procura K., um homem que a submete a uma série de jogos sádicos, envolvendo açoitadas, tapas e agressões variadas. Em um desses encontros, às três horas da manhã, seu filho deixado sozinho em casa sobe no parapeito da sacada, e é salvo por Jerome, que chega a tempo de evitar um desastre. Mais tarde, transtornado, Jerome impõe uma condição a Joe: se ela saísse ao encontro de K. naquela noite de Natal, ela nunca mais veria a ele nem a Marcel. Joe não aguenta, deixa-os e corre ao encontro de K. Angustiado e alterada, ela invade a sala de K. e tenta ter relações sexuais com ele ao que ele nega e a pune com 40 chicotadas. Ela finalmente atinge o orgasmo.

O sétimo capítulo chama-se “O espelho”. Depois de anos de abuso físico, Joe começa a sentir os efeitos: sangramentos e feridas no clitóris. Sua chefe a obriga a participar de um grupo terapêutico destinado a mulheres viciadas em sexo, e assim, Joe

vai e tenta retirar todo e qualquer tipo de estímulo sexual da sua vida. Ela consegue se abster por três semanas, porém durante uma sessão em grupo ela desiste de prosseguir. Ao contrário das outras integrantes do grupo que fazem sexo para se sentirem validadas e preenchidas, Joe diz se sentir orgulhosa de ser ninfomaniaca e, se nega a participar de uma sociedade hipócrita que tenta reprimir sua sexualidade. Confessa a Seligman que a sociedade nunca teve lugar para alguém como ela, logo ela nunca teve lugar na sociedade e nunca terá.

Neste momento, Joe olha ao redor do quarto e revela: “Na certa, foi natural para você mobiliar seu quarto como uma cela de monge, mas como inspiração para os títulos dos capítulos desta história, não tem sido fácil. Não restou nada para eu usar”. Seligman se desculpa e sugere que ela tente ver as coisas sob outra perspectiva, pois só assim elas adquirem um novo significado. Joe então, olha para a mancha do chá que ela havia arremessado na parede e chega ao nome do próximo e último capítulo, “A arma”.

Joe começa a trabalhar em um negócio sujo de cobrança de dívidas, utilizando-se principalmente de sua vasta experiência com homens, sexo e torturas sádicas. Anos se passam, ela multiplica seus negócios e obtém sucesso na área. L., seu chefe, sugere que Joe pense em alguém como sucessor, um “braço direito”, alguém que se sinta sozinho no mundo e vulnerável. Ele recomenda P., uma menina solitária de 15 anos, cujo pai está preso e a mãe morreu de overdose. A fim de conquista-la, Joe deve fazer o papel de progenitora, conquistar sua confiança e seu amor. Mas, para a sua surpresa, ela se identifica com a garota e ambas passam a ter uma relação ora sexual, ora de mãe e filha. P. passa a participar dos negócios de Joe e ambas começam a entrar em conflito até o dia em que mais uma vez Jerome cruza o caminho de Joe. Ele é um dos devedores e Joe deve garantir o pagamento da dívida, entretanto, perturbada, sugere que P. faça o trabalho sozinha. Jerome paga sua dívida em seis vezes; cada vez que P. vai até sua casa para receber o dinheiro Joe se sente mais angustiada e ciumenta. Constatando uma mudança em sua relação com P., ela a espreita uma noite na casa de Jerome e descobre que os dois estão tendo um caso.

Joe decide que a melhor maneira de resolver a situação é se afastar, resolve partir da cidade. Mas, não consegue ficar longe e retorna, determinada em eliminar Jerome de sua vida. Decide mata-lo na próxima oportunidade. Ao encontrar ele e P. em um beco, Joe aponta a arma, que não dispara. Jerome revida espancando-a e crava oito estocadas em P. na sua frente, repetindo aquilo que fizera com ela em sua adolescência. P. por sua vez,

urina em Joe e a abandona ferida. Finalmente a história encontra o começo do filme, quando Seligman a encontra machucada no beco.

Quando Joe termina de contar sua história, condena-se por ter tentado eliminar um ser humano. Seligman não concorda, diz que o fato de ela ter esquecido de destravar a arma, revela que inconscientemente ela não queria matar Jerome. Pela primeira vez, Joe reage animadamente e concorda com o que foi dito. Ele ainda faz algumas observações sobre a vida de Joe, diz que ela sempre fora uma mulher exigindo seus direitos, direito ao sexo e ao prazer. Tenta aliviá-la de toda a culpa que sente. Joe diz se sentir mais tranquila, permite-se chorar e decide que irá se livrar de sua sexualidade, mesmo que seja difícil, pois está cansada da destruição e do caos de sua vida. Agradece ao seu mais novo amigo, Seligman.

O final do filme é surpreendente. A protagonista, após a longa conversa, prepara-se para dormir, quando Seligman retorna ao quarto sem as calças. Ele tenta fazer sexo com Joe, que se assusta. O espectador consegue vê-la Tateando em busca da arma antes da tela escurecer e Seligman dizer “mas você transou com milhares de homens”. Em seguida, ouvimos um tiro e passos apressados em direção à porta.

2 NEUROSE

2.1 Conceito

A história da neurose é anterior ao surgimento da psicanálise. Conforme apontam Falcão, Krug e Macedo (2005), o primeiro a utilizar o termo neurose foi um médico escocês chamado William Cullen (1710-1790) ao se referir às enfermidades que não eram acompanhadas de febre ou qualquer tipo de alteração em algum órgão. Assim, ao longo do século XVIII neurose foi sinônimo de uma condição clínica desconhecida, resultante de alguma lesão no sistema nervoso.

Já no século XIX, o psiquiatra francês Philippe Pinel (1745-1826) retomou o termo e a neurose passou a se enquadrar em distúrbios nervosos com repercussão sobre outros aparelhos - como o digestivo, cardiorrespiratório, dentre outros –, mas que não possuíam nenhum substrato anatomoclínico (Falcão; Krug; Macedo, 2005).

O período entre o final do século XIX e o começo do século XX testemunhou o surgimento da psicanálise e, com ela, uma revolução no campo das neuroses. Tal revolução pode ser melhor compreendida uma vez retomados alguns momentos importantes da vida de Sigmund Freud, o pai da psicanálise.

Iniciaremos pelo ano em que Freud começou seus estudos de medicina na Universidade de Viena, 1873. Durante sua formação, o jovem estudante passou a se interessar pelo estudo anatômico e fisiológico do sistema nervoso. Isso o levou, anos mais tarde, já formado, a ganhar uma bolsa de estudos em Paris com Jean-Martin Charcot (1825-1893). Charcot foi um famoso neuropatologista que desenvolveu importantes estudos sobre os chamados pacientes nervosos, destacando-se o estudo sobre a histeria.

Descrevendo a histeria como uma doença funcional, desprovida de uma causa hereditária ou lesão orgânica, Charcot popularizou o termo neurose, acrescentando-o ao modelo nosográfico. O psiquiatra francês foi o primeiro a fornecer os elementos fundamentais para uma explicação psicológica da histeria. Para seus estudos, aprendeu a utilizar a hipnose e logo se tornou mestre desta técnica (Falcão; Krug; Macedo, 2005, p. 48).

Em uma época em que todo o distúrbio psíquico era entendido como expressão de um distúrbio orgânico, os médicos se detinham apenas na doença orgânica, nada além. Charcot foi revolucionário, pois ouvia efetivamente o que os pacientes diziam, justamente aqueles pacientes deixados à margem pelos médicos. Sobre isso, Freud (1888) escreve: “os pobres histéricos, que em séculos anteriores tinham sido lançados à fogueira ou exorcizados, em épocas recentes e esclarecidas, estavam sujeitos à maldição do ridículo; seu estado era tido como indigno de observação clínica, como se fosse simulação e exagero” (p.77).

As ideias de Charcot influenciaram profundamente Freud, fazendo com que ele se afastasse de seus estudos anteriores e se aproximasse da psicologia. Portanto, ao voltar a Viena, passou a estudar a técnica da hipnose e o psiquismo humano.

Joseph Breuer (1842-1925) foi outra personagem importante para Freud. Ambos eram amigos e costumavam conversar sobre seus pacientes, em sua maioria mulheres histéricas. Em 1895, publicaram conjuntamente “Estudos sobre a Histeria”, onde apresentaram e discutiram diversos casos de histeria atendidos por eles, inclusive o célebre caso da Anna O. – com o qual Breuer funda o método catártico, ou seja, a remoção do sintoma pela descarga afetiva que anteriormente, por circunstâncias diversas, fora impedida de ser vivenciada.

Com o passar dos anos Freud se distancia da hipnose e do método catártico e rompe com Breuer. Ele resolve entender melhor o funcionamento das neuroses. Quando o paciente se encontrava sob hipnose, as defesas do seu psiquismo eram rebaixadas e a resistência era rompida, ele, então, vivenciava novamente o afeto daquela lembrança insuportável. Para Freud a técnica apresentava-se ineficaz, pois a resistência que era posta em suspensão retornava finda a hipnose, bem como os sintomas. Ele chegou à conclusão de que o caminho efetivo para se lidar com o sintoma era enfrentando a resistência conscientemente. Com isso, os conteúdos viriam na medida em que pudessem ser elaborados e reintegrados à consciência de maneira mais duradoura. Para isso, ele desenvolveu um método próprio: a associação livre – que consistia em pedir ao paciente que dissesse tudo que lhe viesse à mente.

Todo o percurso de Freud até aqui foi de extrema importância para a psicanálise, principalmente para o entendimento da neurose, que foi o primeiro objeto de tratamento da psicanálise, mais especificamente a histeria. A partir do estudo da hipnose e do método

catártico, Freud construiu modelos estruturais, formulou conceitos como os de inconsciente, transferência, fantasia e recalque, temas caros ao estudo das neuroses. A seguir vamos entendê-los e aprofundar alguns conceitos importantes, como o aparelho psíquico e sua estruturação.

2.2 O Aparelho Psíquico

Desde o início de sua obra Freud se utilizou de um modelo fictício para tentar entender o psiquismo humano e explicá-lo. Ele concebeu a teoria do aparelho psíquico a partir de três pontos de vistas: o topológico, o dinâmico e o econômico.

É no sétimo capítulo de “A interpretação dos sonhos” que Freud (1900) propõe um primeiro entendimento sobre o aparelho psíquico. Para isso ele elabora a primeira tópica, ou seja, a concepção de que o aparelho psíquico é formado por três sistemas ou instâncias, sendo elas: inconsciente, pré-consciente e consciente (Mijolla, 2005).

As três instâncias seguem um funcionamento dinâmico e econômico. O autor Garcia-roza (1995) explica de forma simplificada:

Desde suas primeiras formulações teóricas, Freud é levado a conceber o aparato psíquico como um aparato de captura, de contenção, de transformação de algo que lhe chega a partir da exterioridade (exterioridade do aparato, bem entendido). Esse aparato pode ser pensado, em seu funcionamento, analogamente a uma usina hidrelétrica, isto é, a um grande aparato que captura, armazena e transforma a água de um rio gerando eletricidade. Esse ponto de vista energético não é o único utilizado por Freud, mas é fundamental para que se possa entender sua teoria da libido (Garcia-roza, 1995, p. 33).

A libido, citada acima, é a energia ligada à pulsão sexual. A pulsão, por sua vez, é definida como um conceito-limite entre o psiquismo e o somático, uma vez que inicialmente ela se apoia no instinto, mas não se reduz a ele. Ela é o que impele o organismo para a ação a fim de eliminar a tensão. Portanto, seu objetivo é a descarga ou a redução da tensão provocada por objetos variáveis. A esse movimento, Freud deu o nome de princípio de constância.

A primeira teoria das pulsões formulada em 1905 em “Três ensaios sobre a sexualidade” opõe as pulsões sexuais às pulsões do ego (ou de autoconservação), sendo que as primeiras se encontram sob o domínio do princípio de prazer e podem se satisfazer com objetos reais ou fantasmáticos. Já as pulsões do ego estão sob o domínio do princípio de realidade e se satisfazem somente com um objeto real, estando relacionadas ao “conjunto das necessidades ligadas às funções corporais essenciais à conservação da vida do indivíduo; a fome constitui seu protótipo” (Laplanche; Pontalis, 2001).

Dessa forma, em um funcionamento primário do aparelho psíquico, diz-se que a energia é livre ou móvel, uma vez que seu objetivo é a descarga da maneira mais rápida e mais direta possível, gerando prazer. Portanto, do ponto de vista dinâmico-econômico, a energia não se fixa em nenhuma representação, passando livremente de uma representação a outra. Esse mecanismo caracteriza o sistema inconsciente.

No sentido contrário, o princípio de realidade é a transformação da energia livre em energia ligada. Isso quer dizer que seu movimento para a descarga é retardado ou controlado pela influência do princípio de realidade. O processo secundário “desempenha uma função reguladora que se torna possível com a constituição do ego, cujo principal papel é inibir o processo primitivo” (Laplanche; Pontalis, 2001). Este processo caracteriza o sistema pré-consciente/consciente.

Resumidamente, temos o consciente como uma instância que é encarregada de receber os estímulos advindos do mundo externo e interno; o pré-consciente, que se situa entre a consciência e o inconsciente. Não obstante, diferentemente do inconsciente, seu conteúdo é acessível à consciência. Por último, o inconsciente é a instância que possui conteúdos e mecanismos próprios, é regido pelo princípio de prazer/desprazer, é dominado pelas pulsões e, portanto, contém os seus representantes recalcados. O inconsciente só tem acesso à consciência se ele se submeter às exigências do sistema pré-consciente/consciente, que modificará e distorcerá seus conteúdos. Mas, por que o inconsciente não tem acesso direto ao consciente? Quais perigos ele pode representar?

Essas respostas envolvem uma série de mecanismos que explicarei a seguir. Começaremos deste modo, pelo caminho da formação de sintomas.

De forma geral, as vivências são carregadas de afetos e possuem uma quantidade de energia que é geralmente descarregada através da fala, de gestos ou de descargas motoras. Quando o indivíduo vivencia uma experiência muito carregada de afeto ou surge um desejo incompatível com os seus costumes e valores morais e éticos, ocorre um conflito

psíquico e a representação (ideia, imagem, pensamentos, recordações, etc.) do afeto é recalcada, expulsa para o inconsciente. No inconsciente, essa representação pode atrair outras representações indesejadas e procurar a consciência pela influência do processo primário. Porém, a resistência impede a entrada desses conteúdos no consciente, o que leva a uma negociação resultando na formação de compromisso. Ou seja, esses conteúdos sofrem modificações e distorções para serem admitidos pelo consciente, satisfazendo ao mesmo tempo o desejo inconsciente e as exigências defensivas. Retornam na forma de sintoma, sonhos, chistes ou atos falhos.

Além dos mecanismos próprios do consciente para se defender das excitações, Freud (1920) introduziu o conceito de paraexcitação, uma parte da estrutura psíquica que protege o aparelho psíquico das excitações do mundo externo, modulando a intensidade desses estímulos. É um aparelho fundamental para proteger o psiquismo do trauma, permitindo a ligação da energia e impedindo sua descarga. “Essa estrutura se constitui, ou não, durante a infância precoce, por apoio sobre o paraexcitação da mãe” (Minerbo, 2009, p. 75).

Em 1923, Freud formulou a segunda tópica, dando origem ao id (isso), ego (eu) e superego (supereu). O inconsciente deixa de ser uma instância e passa a ser uma qualificação. Por exemplo, o id é inconsciente, e parte do ego e do superego também podem ser inconscientes. Dessa forma, o id é o pólo pulsional da personalidade, que busca satisfação. É, portanto, inacessível e suas características são opostas às do ego. O ego, por sua vez, mantém contato com a realidade e também com as outras instâncias; representa os interesses da totalidade da pessoa e, por isso, está constantemente duelando e mediando os interesses do id com o superego. Este último é o herdeiro do Complexo de Édipo, como será visto adiante e tem como objetivo julgar e criticar a partir da interiorização das leis, exigências e interdições parentais.

A partir da segunda tópica, o recalque se torna um mecanismo de defesa do ego ou a principal defesa neurótica diante do surgimento de um desejo incompatível com os preceitos morais do superego ou com as possibilidades da realidade. Diante desse conflito, o ego recalca as representações ligadas àquele afeto. Dessa forma, o sofrimento na neurose advém principalmente da inibição da vida pulsional, que limita o campo vital e decorre do uso maciço do recalque, gerando inúmeros sintomas. O prazer é renunciado em nome das leis internalizadas pelo sujeito.

(...) nossas análises todas demonstram que as neuroses transferenciais se originam de recuar-se o ego a aceitar um poderoso impulso instintual do id ou a ajudá-lo a encontrar um escoador ou motor, ou de o ego proibir àquele impulso o objeto que visa. Em tal caso, o ego se defende contra o impulso instintual mediante o mecanismo de repressão. O material reprimido luta contra esse destino. Cria para si próprio, ao longo de caminhos sobre os quais o ego não tem poder, uma representação substitutiva (que se impõe ao ego mediante uma conciliação) - o sintoma. O ego descobre a sua unidade ameaçada e prejudicada por esse intruso e continua a lutar contra o sintoma, tal como desviou o impulso instintual original. Não é contradição que, empreendendo a repressão, no fundo o ego esteja seguindo as ordens do superego, ordens que, por sua vez, se originam de influências do mundo externo que encontraram representação no superego. (...) O ego entrou em conflito com o id, a serviço do superego e da realidade, e esse é o estado de coisas em toda neurose de transferência (Freud, 1924, p. 169).

Antes de tudo, pode-se dizer que o sujeito neurótico conta com um paraexcitação bem constituído, ou seja, há uma proteção do aparelho psíquico de uma invasão excessiva de excitação, que permite que a pulsão se fixe em representações. Há, desta forma, a possibilidade de um adiamento da descarga graças à capacidade de representar as experiências.

Dessa forma, o neurótico, baseado no princípio de realidade, entende que o mundo não se dobra ao seu desejo e entende que muitas vezes ele precisa adiar a obtenção de prazer, buscar um prazer alternativo através de atividades sublimatórias – como o trabalho, o fantasiar, a cultura, os esportes, etc. – ou até mesmo renunciar ao prazer em nome dos ideais da sociedade. O sofrimento na neurose está estreitamente relacionado a essa intensa renúncia do prazer e nos eventuais sintomas resultantes. Mas, para compreendê-la melhor veremos a seguir, como se dá a estruturação do psiquismo na neurose.

2.3 Estruturação do Psiquismo

O narcisismo é um conceito fundamental para a psicanálise e para o entendimento da estruturação do psiquismo. O termo aparece pela primeira vez em 1905, no texto “Três ensaios sobre a sexualidade”, mas passa por diferentes etapas de construção na obra freudiana. Certamente o principal texto em que o conceito é desenvolvido é “Sobre o narcisismo: uma introdução”, de 1914. Mais tarde, o conceito de narcisismo sofrerá uma

última mudança dentro da teoria freudiana por causa da conceituação da segunda tópica (Mohr et al, 2005).

O desenvolvimento psíquico do sujeito se dá em duas etapas: o narcisismo primário e o narcisismo secundário. Levando em conta esses dois conceitos, relato a seguir uma pequena história sobre a estruturação do psiquismo, tendo como base o capítulo “Neurose e não neurose: psicogênese” de Minerbo (2009).

De um modo geral, no início, mãe e bebê vivem em um estado de completude narcísica, chamado narcisismo primário. Neste estado, o bebê não sabe distinguir o que vem dele do que vem do ambiente. Ele percebe a forma humana, mas não é capaz de conceber a existência do outro. Para que se tenha a formação de um sujeito é preciso que o bebê seja “investido, sonhado, reconhecido e antecipado por um outro que, por enquanto, é vivido como seu duplo” (Minerbo, 2009, p.181). O ambiente deve se ajustar àquilo que ele pode suportar. Desta forma, o primeiro vínculo com o objeto é narcísico, pois o outro é vivido como um duplo e a libido do sujeito está toda voltada para si.

Nesta fase, a mãe tem o papel importante de se adaptar ao bebê e não sobrecarregá-lo; é o período da “mãe suficientemente boa” de Winnicott. Em estado de preocupação materna primária, essa mãe está sempre se antecipando e dando um jeito de estar lá, onde é esperada pelo bebê. Trata-se de um movimento essencial para a constituição do narcisismo primário e a vivência da onipotência infantil. Apenas pequenas falhas e alguns poucos desajustes são tolerados pela criança neste momento.

Porém, toda vez que o bebê é confrontado por alguma experiência de frustração dolorosa, é invadido por angústias de aniquilamento. Uma das funções mais importantes que a mãe exerce nessa etapa é o de apaziguamento simbolizante, transformando o caos em integração. Através dos gestos e das palavras, o bebê se acalma e a angústia de morte sentida se torna tolerável e pode ser integrada. Conforme esse movimento vai se repetindo, o bebê começa a suportar por mais tempo a angústia e a ausência da mãe.

Enquanto isso, a mãe vai deixando de ocupar gradualmente uma posição de preocupação materna primária e volta a investir nos seus outros objetos de desejo. Ela, então, deixa de sustentar a onipotência infantil e o bebê reage a isso atacando. É importante lembrar que a onipotência infantil é a indiscriminação entre o mundo interno e externo realizada pelo bebê, isto é, ele ainda sente que tudo provém dele. Logo, entende que a falha materna provém dele, assim como a perda do seio bom que o alimentava. A

partir de então, aos poucos, o bebê se conforma com a perda daquele objeto perfeito e idealizado, sai em sua busca e passa a se contentar minimamente com outros objetos imperfeitos.

Minerbo (2009) nos alerta para a importância da reação da mãe neste momento. Ela deve ser capaz de sobreviver psiquicamente aos ataques do bebê sem abandonar seus objetos de interesse e recuar à posição subjetiva inicial. Caso contrário, o bebê sente que perdeu a mãe perfeita e que agora está nas mãos de uma mãe má, fonte de muitas angústias. Logo, o desenvolvimento do ego ficará ameaçado. Este processo será melhor descrito no próximo capítulo.

Se a mãe sobrevive aos ataques, mostra ao bebê que o objeto tem vida própria – na fantasia dele o objeto estava destruído –, surge um não-eu: a mãe mostra que tem um desejo próprio e, ao mesmo tempo, é capaz de manter a função materna. Ambos, eu e objeto, começam a ser concebidos como sujeitos e assim se dá a saída do narcisismo primário.

Portanto, quando o bebê percebe que a satisfação vem de fora, na tentativa de restituir aquele ideal de plena satisfação - em que o ego era seu próprio ideal (ego ideal) – passa a investir libidinalmente no objeto, funcionando sob o registro do narcisismo secundário. O sujeito tentará de diversas formas voltar a ser o ego ideal através da relação com o objeto via projeção. O primeiro objeto é o seio. “A projeção do ideal sobre o seio confere à pulsão sua primeira forma de organização: a organização oral da pulsão” (Minerbo, 2009, p. 196).

O reconhecimento por parte do bebê da dependência em relação ao seio gerará o primeiro conflito psíquico, pois será sentido como uma ferida narcísica, gerando ódio. O psiquismo do bebê precisará, então, administrar e encontrar soluções para essa ambivalência. Desta forma, a primeira solução será o autoerotismo como forma de depender menos da mãe e ir se separando progressivamente dela.

Em uma próxima etapa, o bebê como forma de depender menos do objeto e restaurar o ego ideal, passará a agir sobre o objeto, manipulando-o, controlando-o e submetendo-o; conquistas estas propiciadas pelo desenvolvimento motor. É a posição subjetiva anal, na qual a criança tentará se afirmar como sujeito, tendo controle sobre o objeto e suas produções. Esta etapa foi descrita por Freud (1920), ao analisar a repetitiva brincadeira de seu neto de um ano e meio com um carretel. Chamada de *Fort-da*, a

brincadeira consistia em uma encenação da saída e da volta da mãe através do lançamento e recolhimento do carretel. Freud deduziu que a repetição por parte da criança era uma forma de converter a sua situação passiva em ativa, elaborando simbolicamente a partida da mãe. Nesta posição, é importante que os pais imponham o “não” para que a criança entenda que ela deve muitas vezes adiar ou renunciar a obtenção do prazer.

A próxima zona de projeção é a zona urogenital e o interesse por tudo o que é sexual floresce. Tudo gira em torno do par exibicionismo/*voyeurismo*, “do que a criança pode ou não pode ver, pode ou não mostrar, e do que o adulto mostra à criança ou esconde dela – e dos afetos mobilizados por tudo isso” (Minerbo, 2009, p. 205). Inicia-se a fase fálica.

O pênis, por projeção, torna-se um suporte do ideal de ego (o falo) e o mundo passa a ser dividido nos que o possuem e nos que o perderam. Mas a criança começa a fantasiar sobre o motivo dessa perda e chega à conclusão de que se trata de um castigo pelas suas transgressões (fantasias incestuosas e outros prazeres fálicos). Daí surge a angústia da castração: momento em que a criança descobre o limite do projeto fálico. Ela se dá conta de que não se pode ter os dois sexos; não se pode ter tudo. Percebe também que não se pode ser pai e filho ao mesmo tempo, ou ainda, que os grandes sempre serão grandes, não voltarão a ser pequenos. O narcisismo da criança fica abalado e então, ela tem duas opções: ou renuncia ao ideal fálico de completude narcísica ou vai buscar outros meios de consegui-lo.

Nesta última opção, a criança recorre a um novo projeto para alcançar a completude narcísica: o fazer par. Ela entrará na crise edipiana. Minerbo (2009) explica o que caracteriza a crise edipiana:

O filho tentará ser o falo do pai ou da mãe, transformando-se na “joia da coroa” de um deles (...). Ou pode tentar transformar pai ou mãe em seu próprio falo: a mãe maravilhosa ou o pai perfeito são “as joias da coroa” da criança. Outra estratégia que pode ser tentada é a de ocupar o centro do relacionamento dos pais, ficando entre eles, impedindo-os de fazer par. Pode fazer com que os pais se devotem apenas a ela, seja por bem (ambos vão desejar se dedicar apenas à criança maravilhosa que é), seja por mal (ambos não conseguem fazer outra coisa além de se ocupar da criança terrível que ela é). A criança vive, então, a fantasia de que os pais estão unidos por causa dela – assim, ela está incluída e não excluída (Minerbo, 2009, p. 210).

É importante que os pais não façam par com a criança e sustentem a diferença entre as gerações. Nesta fase também, a vida de fantasia e imaginação se desenvolve e a criança realiza simbolicamente através da brincadeira aquilo que ela não pode fazer de fato. Ela também se identifica com um dos pais, tornando-se parecida com um deles como forma de tê-lo simbolicamente.

Ao fim da travessia do Édipo, a criança pode chegar à conclusão de que não é possível formar par com um dos genitores porque ele já tem um objeto de amor e já fez par com outrem. Então, aceita a dor e faz o luto de estar excluída desta relação, o que a liberta para viver relações amorosas futuras e formar par com outra pessoa. Assim, a criança aos poucos desiste de rivalizar com o genitor do mesmo sexo e passa a se identificar com ele, o que dá origem ao superego: a introjeção das leis sociais e dos valores transmitidos pelos pais na criança.

A neurose se caracteriza, então, pelo bloqueio na passagem edipiana, ou seja, algo não funcionou durante a travessia do Complexo de Édipo. O sujeito não conseguiu renunciar ao objeto edipiano nem avançar para a genitalidade. Portanto, os três tipos de neuroses – a histeria, a neurose obsessiva e a fobia – vão ter características próprias e cada uma vai ser marcada pela regressão e pela fixação da libido em uma das fases de organização da pulsão (oral, anal, fálica, latência e genital).

Não considero importante explicar cada posição subjetiva neurótica, mas a neurose de uma forma geral. O que é relevante saber para o presente trabalho é que o neurótico possui um ego bem estruturado, uma vez que o narcisismo primário está bem constituído e ele conseguiu se separar do objeto e, conseqüentemente, superar as angústias de aniquilamento típicas desta fase. O sujeito ascendeu ao narcisismo secundário, que se caracteriza pelas relações de objeto e depende das identificações obtidas a partir da travessia do Édipo. Na neurose, a dificuldade gira em torno principalmente das relações com o objeto de desejo.

Além disso, o sujeito, diante da angústia de castração (o medo de perder o falo, entendido como a representação da potência do sujeito de realizar seu desejo e obter prazer) sente medo e culpa, por estar associada a fantasias de transgressão ligadas à infância. Diante de um superego rigoroso, enriquecido pelas exigências culturais e sociais, ocorre a renúncia maciça ao prazer através do recalque ou através da inibição. O primeiro

elimina a angústia através de uma solução de compromisso e o segundo elimina a angústia através do recalque excessivo.

Quando nenhuma das duas soluções é possível, o sujeito vive angustiado, encontrando secundariamente, motivos para a sua angústia. As inibições e a angústia crônica parecem ser muito mais frequentes do que os sintomas propriamente ditos (fobias, obsessões e conversões). Todos nós conhecemos pessoas que gastam uma energia enorme para conseguir realizar alguma representação do desejo (...). Essas situações (...) se tornam impossíveis simplesmente porque o prazer que proporcionam está ligado a fantasias sexuais e/ou agressivas dirigidas a figuras edipianas, o que produz a angústia. (...) A inibição, portanto, é a forma de sofrimento mais característica da subjetividade neurótica (Minerbo, 2009, p. 96).

Dessa forma, o sentido do tratamento psicanalítico na neurose será o de afrouxar o laço simbólico que une um significante a um significado. Ou seja, relativizar os ideais construídos como absolutos ao longo da história do sujeito e conceber como legítimas as várias formas de ser e de viver de uma pessoa. (Minerbo, 2009)

Visto o que caracteriza a subjetividade neurótica, no próximo capítulo apresento a não neurose: suas principais características, seu funcionamento psíquico e também seus mecanismos de defesa.

3 NÃO NEUROSE

3.1 Conceito

Desde os tempos de Freud, a psicanálise mudou bastante, assim como seus pacientes e a sociedade onde está inserida. Sabe-se que cada cultura determina formas de subjetividade prevalentes, assim como as formas de sofrer. Portanto, subjetividade e cultura são indissociáveis, uma é a expressão da outra. Em meio a isso tudo, a psicanálise reconhece as novas formas de ser e de sofrer de um determinado período e lhes dá um nome e um lugar.

Conforme vimos, foi a partir do estudo da histeria que Freud fundou seu método e pensou as teorias fundantes da psicanálise. Podemos dizer, então, que os pacientes atendidos por ele, no século XX, eram em sua maioria neuróticos³, marcados pela questão da angústia de castração, do Complexo de Édipo e do recalque. A neurose era a forma de subjetividade característica de uma sociedade em que as instituições eram fortes, as leis eram claras e rígidas, assim como os costumes e valores sociais. Era, portanto, a expressão da sociedade moderna.

Freud (1931) em “O mal-estar na civilização” analisa os impasses com os quais o sujeito se depara na modernidade. A base deste ensaio é a concepção de que a cultura se apoia na repressão dos impulsos sexuais e agressivos, que seriam desviados para fins socialmente aceitáveis, como o trabalho, a literatura, a amizade, etc. No entanto, haveria um preço a ser pago pela renúncia cada vez maior ao prazer: o crescente mal-estar, um sentimento sempre presente de culpa e de dívida em relação aos modelos inalcançáveis impostos pela sociedade.

Ao analisar esta mesma obra, Bauman (1998) concorda com a visão de Freud de que a modernidade era orientada pelos imperativos da ordem, da beleza, da limpeza e da harmonia e que para o homem atingir tais ideais e a segurança da vida civilizada, ele teria que renunciar a sua liberdade de procura do prazer. Assim, para alcançar o progresso da

³ Pode-se dizer que o Homem dos Lobos, o Homem dos ratos e o Caso Schreber são exemplos das entradas de Freud na não neurose.

humanidade, o sujeito dispunha de pouca liberdade para a busca da felicidade individual e isso gerava mal-estar (o sofrimento típico da neurose).

Com o passar do tempo a forma de sofrer mudou. Atualmente, muitos dos pacientes que chegam aos consultórios não veem mais sentido na vida. O sentimento de futilidade, irreabilidade e tédio são marcantes; as adições, compulsões, atuações, distúrbios alimentares e somatizações são frequentes. Tem-se a não neurose, uma das subjetividades típicas da pós-modernidade.

Infelizmente, esse quadro clínico é cada vez mais frequente em nossos consultórios, demandando dos profissionais de saúde mental um maior conhecimento dessa forma de psicopatologia e também maior sensibilidade clínica para manejá-los. A frequência desses quadros é decorrente do mal-estar de nosso tempo. Hoje em dia, o mundo globalizado esfacela tradições e culturas e esgarça o sentido da vida, produzindo intenso desenraizamento do ser humano nunca visto antes. Dessa forma, muitos são aqueles que, hoje em dia, tentam equilibrar-se em suas cercas, em seus fiapos de sentidos, fugindo do abismo da não-existência e do não-sentido (Safrá, *apud* Hegenberg, 2000, p.14).

Conforme explicitado por Safrá, com o avanço do capitalismo e do consumismo, as certezas e os ideais já não são os mesmos; as instituições, outrora fortes e inquestionáveis, se enfraqueceram. Os ideais antes defendidos e perseguidos na modernidade de progresso, ordem e pureza não deixam de existir, se tornam valores a serem atingidos por espontaneidade e esforço exclusivo do indivíduo. Mobilidade e adaptação são, portanto, palavras definidoras da pós-modernidade. Se antes o princípio de prazer se dobrava ao princípio de realidade, hoje, o princípio de prazer é soberano. A liberdade individual se tornou o “valor pelo qual todos os outros valores vieram a ser avaliados e a referência pela qual a sabedoria acerca de todas as normas e resoluções supra individuais devem ser medidas” (Bauman, 1998, p. 9).

Lasch (1983) descreve o sujeito pós-moderno como alguém cada vez mais angustiado e inseguro diante das tantas escolhas que a coletividade apresenta. A velocidade da informação, o consumismo exacerbado, o ideal de sucesso nunca alcançado e conseqüentemente, a responsabilização cada vez maior do sujeito pelos rumos de sua vida, empurram o ser humano para uma crise existencial. Ele fica à deriva, angustiado com as constantes mudanças.

Se antes o homem moderno contava com o apoio da família, com uma rede de pessoas, valores e instituições que diferenciavam o caminho “certo” do “errado”, na pós-modernidade isso se dilui. Tudo está em questão, as instituições já não oferecem significações que organizem e deem sentido à existência. Diante disso, o sujeito não conta mais com os elementos necessários para fazer sentido de si, do mundo e de suas experiências. As significações internas são frágeis e a capacidade de simbolizar e criar representações é precária, levando o indivíduo a recorrer ao mundo externo para lhe dar sustentação. A subjetividade que se constitui em meio a esse cenário é a não neurose, que origina quadros muito variados, dentre eles, o *borderline*.

O “problema *borderline*” se inscreve dentro da questão da pós-modernidade. O aumento dos casos de depressão, vazio, tédio e solidão nas sociedades capitalistas é *também* fruto de uma promessa de consumo eficiente, ou seja, um consumo que pretende preencher o vazio do cidadão e satisfazê-lo. A roupa da moda, carros, as drogas, o último filme, o próximo namoro, a viagem dos sonhos, livros, todo esse aparato deveria ser suficiente para garantir a “felicidade”. Como tal promessa não se concretiza, mas é exigida pelo modo de produção da subjetividade imposto pelo nosso modelo atual de sociedade, cria-se o conflito, levando à depressão este sujeito “incapaz” de se satisfazer plenamente com o aparato de consumo oferecido (Hegenberg, 2000, p.18).

Minerbo (2009) ressalta que o sujeito pós-moderno não substituiu o moderno. “Ao contrário, dependendo da situação, um ou outro pode estar mais em evidência” (p. 416), podendo existir traços dos dois. Há, portanto, gradações e continuidades entre ambos. O fato é que a não neurose é uma forma de subjetividade característica da pós-modernidade e, portanto, está cada vez mais numerosa e presente na clínica nos dias atuais.

3.2 Funcionamento Psíquico

O termo não neurose foi cunhado por André Green em 2002 no livro “Orientações para uma psicanálise contemporânea”, como forma de dar conta das organizações psíquicas que se caracterizam por falhas na constituição do narcisismo. De natureza bastante ampla, essa forma de subjetividade possui uma sintomatologia tão variada quanto

as suas nomeações: casos-limites, casos difíceis, borderline, fronteiriços, limítrofes, estados-limite, dentre outros.

As denominações são extensas, mas vale ressaltar que mais importante do que a denominação é saber qual o referencial teórico utilizado pelo autor. Neste trabalho, dispensei as descrições simplistas dos manuais psiquiátricos, os quais classificam essa forma de subjetividade como Transtorno de Personalidade Borderline (TPB) e foco na compreensão psicanalítica do tema – mais especificamente de autores como Marion Minerbo, que se utiliza de uma visão de André Green, Luís Claudio Figueiredo e Mauro Hegenberg –, que entendem a não neurose não como uma entidade nosológica, mas como uma forma de ser e de sofrer do indivíduo, a partir do qual ele lê o mundo. Cada um dos autores citados, nomeará a não neurose de uma forma específica, mas todos convergem no entendimento sobre essa forma de subjetividade.

Termos como “limite”, “fronteiras”, “bordas” se referem à falta de um lugar próprio para esses pacientes, os quais parecem estar situados entre a psicose, a neurose e a perversão, mas com traços das três estruturas. Referem-se, também, a uma fronteira interna mal constituída, onde interno e externo muitas vezes se confundem (Figueiredo, 2003). Ao comparar a não neurose à neurose, evidencia-se que algo falhou e não está presente na primeira. É um tipo de estruturação psíquica díspar do paradigma neurótico clássico, nas seguintes formas:

(...) não se organizam sob a hegemonia do recalque; a experiência de si é distinta do modelo narcísico clássico construído em torno da assertiva “sua majestade o bebê”; o desejo inconsciente em larga medida não está solidificado em torno de fantasias e da estruturação edípica; o vínculo transferencial não ocorre sob o modo da “neurose de transferência” ou da “suposição de saber”, entre inúmeros outros fatores (Pacheco-Ferreira; Mello; Verztman, 2013, p. 239).

São pacientes que não se caracterizam pela inibição da vida pulsional, pela não dissolução do Complexo de Édipo e pelas dificuldades no campo do objeto de desejo; são sujeitos marcados pelo tédio, pelas compulsões, adições, distúrbios alimentares, patologias do vazio com feitiço melancólico, patologias do ato marcadas por violências, somatizações e perversões.

De acordo com Minerbo (2009), a não neurose caracteriza-se por:

- a) falhas na constituição do narcisismo, gerando falhas nas funções egóicas e identificações cindidas;
- b) defesas arcaicas, tais como cisão, idealização, negação e identificação projetiva;
- c) concepção de objeto parcial e cindido – impossibilidade em considerar a alteridade e sua autonomia;
- d) falhas na simbolização e tendência à atuação;
- e) angústia de intrusão e separação, levando ao colamento do sujeito ao objeto primário;
- f) não aceitação do terceiro objeto;
- g) preponderância da pulsionalidade agressiva sobre a libidinal, devido às ameaças sentidas pelo ego.

Dentre as características acima apresentadas da não neurose, agrupei-as em dois grandes grupos do ponto de vista clínico, baseados no entendimento de Minerbo (2009) e de outros autores sobre a não neurose:

- 1) São as formas de subjetividade que se estruturam em torno de falhas importantes na narcisização do ego pelo objeto primário, mães que foram incapazes de formar um “duplo de si” com seus bebês e erotizá-los. São pessoas invadidas por angústias de fragmentação e aniquilamento e que recorrem à identificação adesiva, proposta por Donald Meltzer, na esperança de uma integração psíquica;
- 2) Diante das falhas do objeto primário, o sujeito se estrutura em torno de defesas, como a cisão. São formas de subjetividade marcadas pela falha na função simbolizante, pelo predomínio da pulsionalidade não ligada, logo, pela impulsividade/atuação e pela agressividade.

A seguir, tentarei dar conta de todos os aspectos acima expostos sobre a não neurose. Mas, para isso, é preciso retomar a história da construção psíquica, vista no capítulo anterior, dando especial ênfase ao narcisismo primário, posição em que a criança deve investir e construir o laço com o objeto primário e ao mesmo tempo, ir se diferenciando dele com a ajuda do ambiente.

3.3 A (Não) Estruturação Psíquica

O objeto primário, ou a mãe, tem um papel fundamental no narcisismo primário. Segundo Salem e Klautau (2013) – ao fazerem uma leitura do psicanalista francês René Roussillon –, sugerem que as primeiras formas de interação do bebê com o ambiente devem ser mediadas por um objeto vivido como diferente, mas capaz de se tornar semelhante ao exercer a relação de espelhamento e de partilha de seus estados afetivos. É o objeto “duplo de si mesmo”.

Portanto, é importante para o bebê que esse objeto “duplo”, ao interagir com ele, ajude não só a vivenciar experiências de satisfação no encontro com o outro, mas também auxilie a criança a adquirir conhecimento sobre seus próprios estados internos e a representá-los de forma apaziguadora. Isso só será adquirido quando houver o ajustamento mimo-gesto-postural entre mãe e bebê e quando a criança tiver vivenciado de maneira suficientemente boa a experiência de ter sido olhada e refletida no olhar materno.

Resumidamente, não fosse o papel do ambiente de interagir com o bebê de forma previsível e contínua oferecendo-lhe, na medida e no tempo certos, aquilo que satisfaz suas necessidades básicas e poder refletir suas sensações e sentimentos ainda brutos de modo a se tornarem reconhecíveis pelo bebê, não se produziriam as condições necessárias à ilusão (Salem; Klautau, 2013, p. 229).

No processo de objeto “criado/achado” descrito por Winnicott, o bebê tem a ilusão de ser o criador da sua própria fonte de satisfação. Através dos cuidados primários, a mãe se antecipa às necessidades do bebê e alimenta-o justamente quando ele necessita. Assim, quando o bebê alucina o seio e este se apresenta objetivamente para satisfazê-lo, a criança desenvolve a crença onipotente de ser a criadora da sua própria fonte de satisfação. A relação em “duplo” é tal que o bebê passa a experimentar qualquer resposta do objeto como algo que advém dele. É uma etapa fundamental no desenvolvimento da criança.

Uma falha no sistema do “duplo” e conseqüentemente, na constituição de um estado de ilusão, acarretaria uma falha narcísica profunda no sujeito. Isso aconteceria devido “a ausência de respostas de um objeto ‘silencioso’” ou ainda devido a “presença de respostas

que impeçam ou não promovam a função reflexiva e o compartilhamento de prazer que precisam se estabelecer no encontro entre o bebê e o objeto primário” (Salem; Klautau, 2013, p. 231).

Dessa forma, a dimensão da alteridade ficaria afetada, assim como a possibilidade de fantasiar e construir conteúdos simbólicos. Portanto, diante de angústias catastróficas de não integração e de aniquilamento, o sujeito defensivamente se “colaria” no outro, como uma “segunda pele”, recorrendo ao que Donald Meltzer chamou de identificação adesiva, quando “certos sujeitos sentem, pensam e se comportam como outra pessoa, constituindo assim uma espécie de ‘fachada’ identitária” (Salem; Klautau, 2013, p. 234). Na identificação adesiva não há reciprocidade e sim, “a reprodução fiel de um conjunto de características da superfície dos mesmos que garanta ao sujeito a recuperação ou a própria gestação de um sentido de fronteiras e continuidade” (p.234).

Na esperança de constituir suas próprias fronteiras e preencher o vazio deixado pelo objeto primário, o sujeito se agarra psiquicamente ao objeto para se manter minimamente integrado, o qual tem a função de conter, segurar e “escorar” o ego fragilmente integrado (Minerbo, 2009). É uma forma de tentar manter uma relação simbiótica - tão necessária ao sujeito nessa fase -, com objetos que “sempre ameaçam com o abandono ou com a intromissão, que não cumprem minimamente suas funções especulares, nem suportam de forma consistente as necessárias idealizações dos filhos. São, em geral, mães ou pais borderline ou narcisistas” (Figueiredo, 2003, p. 84). Esse processo acaba por resultar em uma pobreza afetiva, além dos sentimentos de vazio, tédio e futilidade, uma vez que o aparelho mental não se enriquece com os conteúdos humanos.

Indo adiante na história da constituição psíquica, se a mãe exerceu suficientemente bem seu papel de “duplo” e, portanto, o bebê vivenciou sua onipotência infantil, o próximo passo é o surgimento de um não-eu. No entanto, isso só ocorrerá após graduais e sucessivas experiências de frustração por parte do bebê e de uma mudança de posição subjetiva da mãe.

Como visto, até então a mãe ocupava uma posição de preocupação materna primária, adaptando-se ao bebê e se colocando onde era esperada. Porém, aos poucos ela vai deixando de sustentar a onipotência infantil e volta a investir em seus outros objetos de desejo, frustrando o bebê. O bebê, por sua vez, passa a sentir raiva da mãe, uma raiva impotente. Por operar na onipotência infantil, ele sente que a falha materna advém de seu

próprio ódio e então, sente-se responsável pela perda do seio perfeito e perde a capacidade de criar/achar o objeto de sua satisfação. É, então, invadido por pulsões, angústias terríveis, graças ao distanciamento do objeto primário. Como forma de lidar com a realidade que se impõe sobre ele, o bebê promove uma cisão entre o bem e o mal, expulsando este último para fora de si.

Diante disso, a mãe irá se confrontar com a raiva do bebê e novamente será de extrema importância que sobreviva psiquicamente aos ataques do filho. Caso contrário, isso confirmará o sentimento do bebê de que ele foi responsável pela destruição da sua capacidade de criar prazer, uma vez que “ele tem a experiência subjetiva de encontrar, ‘fora’, a mãe má que ele havia criado ‘dentro’, a partir de sua raiva e decepção” (Minerbo, 2009, p.190). A mãe má não consegue acalmá-lo e é fonte de novas angústias. Neste caso, a criança não faz o luto do narcisismo primário e é incapaz de discriminar o que vem de fora do que vem de dentro; não há o surgimento de um não-eu.

Se o objeto não sobrevive ao ataque do bebê, o sujeito ficará capturado pela violência da equação “ou eu ou o outro”. As tentativas de afirmação de si e de um desejo próprio serão vividas como destruição do outro. O sujeito passará a temer sua própria agressividade, que será vivida como destrutiva, antissocial e negativa. Sua expressão será inibida ou se voltará contra o sujeito. O desenvolvimento do eu ficará ameaçado, pois não poderá usar a destrutividade para sua própria afirmação, bem como para consolidar a separação sujeito/objeto (Minerbo, 2009, p. 192).

Tem-se, portanto, a não neurose. Algo deu errado na saída do narcisismo primário, ou seja, o ego se separou do seu objeto, mas não totalmente. Suas fronteiras internas não estão bem delimitadas e ainda depende do objeto para realizar o trabalho psíquico para ele. Pacheco-Ferreira, Mello e Verztman (2013) concluem sucintamente:

Como se sabe, segundo Winnicott, a constituição inicial do eu é silenciosa e vai se organizando a partir de sucessivas experiências de ameaça de aniquilamento das quais, repetidamente, o bebê se recupera. Com base nessas experiências se inicia a confiança na recuperação e a consequente capacidade de lidar com a frustração. Falhas precoces dos objetos primordiais no exercício de suas funções de cuidado e adaptação ao bebê não são percebidas por ele propriamente como falhas do ambiente, já que ocorrem antes da constituição estável do eu. As referidas falhas são antes vividas como

ameaças à existência pessoal, limitando o próprio advento do eu. Tais limitações, as quais dependerão de inúmeros fatores conjunturais, interferirão significativamente no processo de integração do self⁴, em especial no que diz respeito à sua diferenciação em relação ao ambiente e ao objeto e, podemos acrescentar, na sua capacidade de referir a um si mesmo um conjunto de crenças, desejos e ações (Pacheco-Ferreira; Mello; Verztman, 2013, p. 242).

Quando a definição dos limites internos e externos não se dá de maneira gradual e cuidadosa, o indivíduo continua operando na lógica da onipotência, sem saber discriminar o que vem de dentro do que vem de fora. Ele é invadido por angústias de aniquilamento e de separação do objeto, que a seu ver é fundamental para a sua existência. A percepção de alteridade também fica prejudicada, não há o reconhecimento de um outro sujeito, com angústias e desejos. Quando comparado à neurose, o indivíduo não neurótico lança mão de defesas mais primitivas.

3.4 Características e Defesas

Figueiredo (2003) ao discorrer sobre a não neurose, mais especificamente sobre a condição borderline, afirma que se trata de um psiquismo marcado pela precariedade das fronteiras externas e internas, tendo como consequência uma estruturação psíquica tendente à instabilidade e à “ausência de estratégias sintomáticas bem organizadas” (p. 82), o que leva muitos a confundir essa condição com a neurose, a psicose e a perversão. A falta de senso de realidade interna acaba por comprometer o senso de realidade externa, onde fora e dentro não se excluem.

O autor descreve as cisões e identificações projetivas como defesas típicas da estrutura borderline, com oscilações significativas e repetitivas entre o “tudo bom – tudo mau”, “tudo dentro – tudo fora”, “só presente – só ausente” (Figueiredo, 2003, p. 87).

A cisão acontece como uma forma de conservar os vínculos com os objetos, que são indispensáveis para a sobrevivência física e psíquica do sujeito. Desta forma, este objeto é

⁴ Cabe aqui fazer uma nota esclarecendo o que é o self. Segundo Minerbo (2009), o self é a parte do ego que permite ao sujeito se relacionar consigo mesmo. É um precipitado das identificações que o sujeito faz ao longo da vida. “Além de determinar a autoestima, o self é responsável pelo sentimento de ser, de existir, e de ser o mesmo ao longo do tempo. Embora essa unidade seja ilusória, é uma ilusão necessária” (Minerbo, 2009, p. 123).

cindido em uma parte boa – são os objetos excitantes, mas que mesmo assim não são bons e supridores -, e uma parte má – os objetos frustrantes e rejeitadores. A cada uma dessas partes se ligará uma parte do ego da pessoa, no entanto, ambas as partes permanecerão separadas e não integráveis, o que impede o surgimento de sentimentos ambivalentes em relação ao objeto ou a compreensão de um objeto integrado. Formam o que Figueiredo (2003) chamará de um sistema fechado, do qual o sujeito terá muita dificuldade para se libertar:

(...) os borderlines são indivíduos tão dominados pelo sistema fechado que não conseguem defender-se com a formação de uma estratégia sintomática estável, oscilando perpetuamente entre unidades ego-objeto de polaridades antagônicas, a unidade “tudo-bom” e a unidade “tudo-mau”. A unidade “tudo-bom” (...) não é de fato uma representação de um bom objeto. É apenas o alvo de um desejo, o suporte de uma esperança, o pólo de uma sedução escravizadora que, inevitavelmente, ativa o seu oposto, o receio de uma frustração e rejeição. Já a unidade “tudo-mau” traz consigo a expectativa de uma revisão, traz consigo a esperança do prazer e bem-estar ilimitados. Tanto o objeto sedutor como o rejeitador são objetos perseguidores (...) o que se mostra na dinâmica afetiva borderline é a repetição cíclica da alternância “tudo-bom”, “tudo-mau”, sem que o paciente consiga fazer contato com objetos externos isentos dessas colorações extremadas e, mais ainda e pior, sem conseguir inscrever em seu psiquismo uma representação eficaz e forte de objetos bons, acolhedores, empáticos e supridores. Os pacientes borderline vivem amarrados e escravizados por seus objetos maus em sua dupla face, e podem recorrer às diversas estratégias sintomáticas sem se fixar em nenhuma (Figueiredo, 2003, p. 96-98).

Assim, a cisão é uma defesa importante na não neurose, pois somente ela vai permitir que o sujeito não tenha que lidar com as características negativas do objeto que funciona como apoio. O sujeito lançará mão de uma intensa idealização do objeto bom como forma de combater a ameaça do objeto mau e também como forma de lidar com a sua insaciável demanda de amor. Por outro lado, como a percepção daquilo que causa desprazer e desconforto é anulada, esses mesmos objetos idealizados também são fontes de perturbação e estranhamento.

A identificação projetiva é uma continuação da cisão, pois é a partir desta que o sujeito deposita no ambiente partes do ego fragmentado insuportáveis para ele. “Esta evacuação para dentro do outro é a maneira mais eficaz de colocar as forças e as partes más do self longe das partes boas que precisam ser resguardadas” (Cintra; Figueiredo,

2004, p. 115). Assim, a identificação projetiva é o protótipo de uma relação de objeto narcisista, em que há uma profunda indiferenciação entre o sujeito e o outro; este não é visto como uma pessoa separada, com existência e características próprias, e sim como um “boneco vazio habitado pelos próprios impulsos” (Cintra; Figueiredo, 2004, p.115) do sujeito. Esse estado proporciona o alívio das angústias típicas da não neurose, uma vez que ao ser assaltado pela violência pulsional, o ego frágil não encontra outro caminho senão enviar partes do seu self ao ambiente para que este processe seus aspectos insuportáveis. Tal processo resulta em um empobrecimento do ego e na criação de um perseguidor, já que este passa a ser portador de partes intoleráveis do sujeito.

Percebe-se que na não neurose as relações com o objeto são extremadas e marcadas por uma impossibilidade de enxergar o outro em sua alteridade. Mesmo assim, os pacientes borderlines ou não neuróticos precisam de um objeto de apoio, porquanto a angústia de separação é muita intensa para ele. Sem o outro, ele não existe. As falhas do ambiente não permitiram que quando criança construísse uma representação simbólica para a ausência do objeto primário e para o sentimento de existência, independente dos pais. A criança tem dificuldade em manter o objeto psiquicamente presente em sua ausência. Assim, o não neurótico, que não possui uma subjetividade completamente constituída, depende de um objeto de apoio para viver. Ele funciona continuamente como uma prótese psíquica e caso precise se afastar, o sujeito viverá um desamparo brutal.

Os estados de indiferenciação e esvaziamento a que os pacientes borderline são lançados, derivados da perda do objeto e da falta de fronteira entre mundo externo e interno, parecem ser a origem de sentimentos de inutilidade, tédio e irreabilidade que acometem esses sujeitos. Sentimentos esses que se agravam pelo fato de serem guiados por um ideal de ego onipotente.

O ideal de ego determina um projeto identificatório o qual o sujeito deve seguir, para que assim o ego possa ser amado pelo superego. Relaciona-se ao amor próprio; ele só pode ser formado quando a mãe sustenta suficientemente o ego ideal do bebê e ele então, faz o luto pela perda da onipotência narcísica. Na não neurose esse luto não acontece e o ideal de ego apresenta características onipotentes, lançando o sujeito em uma eterna busca pela perfeição narcísica, condição para ser amado pelas figuras parentais. Sabe-se que essa é uma busca inatingível, o que gera frustração e vivências repetidas de fracasso narcísico.

O ideal de ego aliado à cisão fará com que o sujeito não neurótico tenha uma relação de idealização com o outro, ora idolatrando-o, ora desprezando-o. Assim, o sentimento de inutilidade e frustração são ainda maiores. Hegenberg (2000) explica:

Por causa do domínio do ideal de ego, o borderline tem de lidar com uma severa crítica em relação aos outros e a si mesmo. É devido à exigência e à crítica desmedidas que o objeto de apoio se torna idealizado e sem efeitos. Exigente, o TPB (Transtorno de Personalidade Borderline) se percebe insuficiente, em razão de tecer comparações contínuas com imagens idealizadas de si e dos outros. Como nem ele nem os outros atingem os padrões de exigência fantasiados, o borderline está sempre insatisfeito (Hegenberg, 2000, p. 69).

O ódio ocorre quando o outro é intrusivo e faz exigências descabidas para sua subjetividade incipiente. Assim, quando ele sente que o objeto de apoio não está exercendo sua função, o ódio surge, assim como a culpa e o medo de perdê-lo. Diante desse desamparo, resta ao sujeito a autoagressão, a atuação ou a depressão, como formas de acabar com o sofrimento.

Nota-se que nas organizações não neuróticas, as fronteiras egóicas são tão frágeis que quase qualquer estímulo é vivido como excessivo e destruturante, já que o ego é frágil e incapaz de modular o ataque pulsional e fazer as necessárias ligações. Dessa forma, a falta de uma rede de representações faz com que a pulsão não ligada predomine no aparelho psíquico, procurando a satisfação. Ou esta energia será descarregada no soma, produzindo somatizações; ou conduzirá a atuações ou ainda, buscará um outro aparelho psíquico que possa lhe ajudar a “ligar” a pulsão, lançando mão do mecanismo de identificação projetiva.

Quando a rede de representações é muito “esburacada”, como acontece nas organizações não neuróticas, a prioridade deixa de ser a busca do prazer e passa a ser o “remendo” da rede de representações. Antes do prazer, é preciso fazer sentido das experiências emocionais, criando representações que permitam secundarizá-las. Caso contrário, instala-se o regime da compulsão à repetição (Minerbo, 2009, p. 79).

Neste sentido, Figueiredo (2003) falará da dificuldade dos pacientes borderlines alcançarem e sustentarem o prazer. Há uma busca desenfreada por situações prazerosas a partir da unidade eu-objeto excitante, que assim que entra em contato com o prazer ativa sua outra polaridade, o eu-objeto rejeitador, que suscita ódio e frustração. O prazer não pode ser tolerado e muito menos fruído por um ego tão frágil e empenhado em manter a existência e subsistência do psiquismo. Daí surge, muitas vezes, o recurso à dor como forma de percepção das fronteiras do ego e como “envoltório de um corpo e de uma mente ameaçadas de desagregação” (Figueiredo, 2003, p. 105).

O sentimento de tédio e irreabilidade parecem ser quebrados somente com episódios turbulentos, inúmeros nas vidas dos não neuróticos. Reações explosivas e impulsivas são formas de lidar com a angústia de separação e com o vazio de sentido na vida. Formas de autoagressão são bastante comuns, assim como a drogadição e o suicídio.

Outro sintoma é o exagero sexual. Há pacientes TPB que tentam suportar a existência por meio da busca frenética por um parceiro a todo momento, às vezes sem muitos critérios ou avaliação de risco. Tentam com isso avaliar se são estimados ou não e também procuram tentar se conhecer, ou encontrar os limites de seu self (Hegenberg, 2000, p. 81).

Após o ocorrido, com frequência se arrependem da atitude e se sentem culpados, além da dura percepção de que aqueles contatos não aliviaram em nada a dor do vazio e da falta de sentido de suas vidas.

Contudo, é importante se ter em mente que há uma tentativa constante em dar sentido à existência, em conter a angústia de fragmentação e aniquilamento e em produzir uma unificação da representação do corpo que esses sujeitos tanto necessitam. E isso se dá de inúmeras formas, seja através de substâncias psicoativas, seja através do sexo, das atividades físicas, da fome, da dor, dos esportes radicais, das tatuagens ou até mesmo da violência gratuita.

Veremos a seguir como Joe, a personagem principal do filme *Ninfomaníaca*, se relaciona a tudo o que foi exposto até o momento.

4 ANÁLISE DO FILME

Este capítulo é dedicado à análise do filme *Ninfomaníaca* através do entrelaçamento da teoria vista até o momento. O foco desta análise é Joe, a personagem principal do filme, que conta a sua história de vida a Seligman. A partir de seu relato, faço um exercício investigativo do motivo de seu comportamento aditivo e mortífero, tentando descobrir quem realmente ela é e o que ela busca. Retomo, embasada na teoria, seu processo de constituição psíquica e seus mecanismos de defesa. Em seguida, analiso as relações que ela trava com as pessoas que cruzam sua vida, dando especial ênfase a Seligman. Destaco o quanto Joe se lança em uma busca desesperada por um objeto de apoio e o quanto os episódios turbulentos de sua vida são reflexo de sua subjetividade.

Por último, analiso o surpreendente final da história, que carrega em si muitas interpretações e visões, assim como todo o filme. Vale lembrar que escolho um caminho dentre muitos possíveis para a análise de *Ninfomaníaca*, e que uma visão nunca se encerra sobre si mesma, tanto na clínica quanto no cinema.

4.1 Joe, a Ninfomaníaca

“Talvez a única diferença que exista entre eu e as outras pessoas é que eu sempre exigi muito do pôr do sol. Cores mais espetaculares quando o sol chega no horizonte. Talvez esse seja meu único pecado”.
Joe

No início do filme, Joe está sozinha, deitada em um beco, machucada. A primeira pergunta que nos vem à mente é: “o que aconteceu com ela?”. Seligman a resgata e já na casa dele, Joe se apresenta como sendo uma ninfomaníaca, uma pecadora e um ser humano ruim. Seligman a questiona e a convida a contar sua história. Como um quebra-cabeça, Joe vai oferecendo algumas informações sobre a sua vida, suscitando no espectador perguntas que persistem durante todo o filme. (I) Quem é ela? (II) Qual é sua história? (III) O que ela realmente busca?

Tentarei responder a essas perguntas a seguir.

(I) Quem é ela?

Joe, a princípio, se mostra alguém muito culpada pelos seus atos e até mesmo agressiva em sua fala, principalmente quando Seligman tenta atenuar sua dor. É crítica e fria com o outro. Vamos descobrindo o quanto ela concedeu um espaço exagerado ao sexo em sua vida; experimentado-o de maneira aditiva, sem controle e inconsequente. Mesmo assim, percebe-se que todas as experiências que ela tem ao longo do filme não geram prazer. A vida parece ser entediante e sem propósitos, ela própria define sua vida como “monótona e sem sentido”. Joe não faz planos, parece não esperar nada da vida e nem pode, já que está muito preocupada em sobreviver dia após dia. Portanto, vive à deriva, é muito solitária. Parece sentir as coisas de forma intensa e a sofrer demasiadamente por isso ou, alternadamente, não sentir nada (como uma defesa).

Ao mesmo tempo em que se liga profundamente a algumas pessoas, como a seu pai e a Jerome, é fria e insensível com outros. Apesar de ser uma ótima observadora e se adequar perfeitamente a algumas situações, falando o que o outro quer ouvir, parece não enxergar e entender as reais necessidades e desejos dos outros, inclusive os próprios. Seu desamparo e angústia são tamanhos que a única coisa que ela quer é que alguém “preencha todos os seus buracos”, viva um estado fusional, de completude, que dê fim à dor. Isso a impossibilita de enxergar o outro em sua totalidade e faz com que ela projete no mundo sua dor, defendendo-se racionalmente: a sociedade é má, hipócrita, não aceita seu desejo sujo e obscuro; as pessoas são covardes, não entendem como é bom ser ninfomaníaca.

Joe apresenta uma organização não neurótica da subjetividade, mais especificamente, uma organização borderline. O tédio, a solidão, o medo, a sensação de irreabilidade e futilidade são sentimentos presentes na não neurose e na protagonista. Isso porque o vazio de sentido na vida persegue os pacientes não neuróticos, o mundo é um lugar sombrio e ameaçador, sentem-se sozinhos em sua dor, já que o objeto primário foi incapaz de aplacar suas angústias persecutórias e de aniquilamento e de dar um sentido a elas, acalmando-os. Não há uma reserva interna de boas experiências, função de um bom objeto primário, que os ajudem a ter esperança. Solidão é um sentimento que acompanha os borderlines do começo ao fim da vida. Solidão é um sentimento que sempre acompanhou Joe.

Além disso, percebe-se que ela não possui um aparelho psíquico bem estruturado e com recursos para lidar com as experiências. Ela apresenta um estado de pobreza afetiva, possui um modo de viver que se caracteriza pela falta de autenticidade. Consegue responder socialmente ao que é esperado dela: responde adequadamente aos seus chefes, diz a vários parceiros que aquela era a primeira relação que havia atingido o orgasmo, mesmo sendo mentira. E com isso, agrada ao outro. Ela precisa do outro para manter seu ego frágil minimamente integrado e ocupar o espaço deixado pelo objeto primário, então se “cola” no outro e o imita. O resultado disso é a ausência de uma subjetividade minimamente integrada e a visível escassez de um espaço interno de fantasias e conteúdos simbólicos. Daí a aridez afetiva em sua vida.

O cenário é ainda mais complexo e para compreendê-lo mais a fundo faz-se necessário analisar outros aspectos da vida de Joe. Sabe-se que algo deu errado na passagem do narcisismo primário ao narcisismo secundário. Mas o que? Essa pergunta conduz a uma tentativa de resgatar sua história de constituição psíquica e afetiva.

(II) Qual a sua história?

Quando Joe conta sobre a sua infância e sua incansável curiosidade sobre a sexualidade e sobre as sensações da sua vagina, apresenta sua mãe como “vadia insensível”, que adorava jogar Paciência, algo que ela sempre detestara. Mais tarde, quando o pai de Joe está morrendo no hospital, Joe diz para ele que é imperdoável sua mãe não estar no hospital ao que ele responde que Kay nunca gostara de hospitais e que eles já haviam se despedido. Algumas cenas depois, Kay está ao lado de Joe, olhando para o marido sem vida no leito, sem demonstrar nenhuma emoção. Ao encarar Joe, entretanto, o olhar é “gelado” e é possível distinguir certa desaprovação em seu rosto. Joe, emudecida, está encolhida em um canto, observando a cena. Ambas não trocam uma palavra, Kay parte, deixando sua filha mais uma vez sozinha, agora com o pai morto. Desamparada em sua dor, Joe lubrifica e a substância escorre por sua perna.

Através dessas poucas cenas, pode-se supor que Kay é uma pessoa indisponível ao outro, rígida e fria, incapaz de ter exercido o papel de uma mãe suficientemente boa a Joe. Ou seja, que fizera o papel de “duplo” e sustentara por tempo necessário o ego ideal e a onipotência de sua filha. Não à toa, Joe detesta o jogo Paciência da mãe, provavelmente

porque ela tivera que esperar além da conta por um ambiente que se ajustasse às suas necessidades. Portanto, como forma de sobrevivência, teve que se adaptar prematuramente ao ambiente, pagando um alto preço por isso. Logo, Joe apresenta uma falha na constituição de seu narcisismo, reconhece-se separada do objeto, mas é incapaz de se diferenciar do ambiente e partir para o narcisismo secundário. Seu ego é frágil e dependente – depende do outro para se manter viva. Tem na figura do pai um objeto de apoio bom e fundamental em sua vida, embora insuficiente em ajudá-la a atravessar todo o processo de constituição psíquica. A cena em que mostra Joe quando pequena, deitada no hospital esperando pela cirurgia e ela revela: “era como se eu tivesse que passar por um portão impenetrável sozinha. Não era só que sentia falta da minha mãe. Não sentia falta do meu pai, apesar de ele sempre ter sido ‘o bacana’”. Era como se eu estivesse completamente só no universo. Como se todo o meu copo estivesse cheio de solidão e lágrimas” nos mostra o quanto Joe sempre se sentiu sozinha e desamparada pelas suas figuras parentais.

O pai de Joe, ao contrário da mãe, foi fundamental em sua vida, visto que exerceu minimamente o papel que Katherine não conseguiu desempenhar, o de um objeto bom que ajudasse Joe a sobreviver psiquicamente. É uma referência afetiva importante em sua vida, ainda que incapaz de reparar o trauma inicial na vida de Joe. Isso porque o pai é apresentado como alguém muito racional, um médico ligado às ciências empíricas, que entende o ser humano através de seus órgãos e funções. O afeto e os sentimentos eram estranhos a ele, aparecendo em raros momentos, como na história contada sobre os freixos. A cena no hospital em que Joe pergunta a seu pai “como você pode não temer a morte?” e ele responde: “Eu vi tantos morrerem. E há..a citação de Epicurus sobre não temer a morte ‘Enquanto vivemos, a morte não existe. E quando a morte chega, não existimos mais’. Sei o que vai acontecer, e também sei de todas as drogas que os médicos têm a oferecer. Então, não...não tenho medo”, nos mostra o quanto o afeto, o medo são sentimentos que devem ser defensivamente racionalizados e eliminados. Portanto, o pai de Joe não exerce o importante papel de alguém que processe os sentimentos para ela e a ajude a tolerar suas angústias. Ainda assim, é um importante objeto de apoio a Joe, objeto do qual ela depende psiquicamente, idealiza e procura nele algum sentido para sua vida: em certo momento ela tenta cursar a faculdade de medicina, igual ao pai.

A morte dele é um golpe duro. Diante da possibilidade de perda de um objeto tão importante, Joe desespera-se. A dor é tão intensa que ela precisa se livrar dela o mais

rápido possível, recorrendo ao caminho conhecido para suportar a angústia, isto é, o sexo. Busca nos porões do hospital alguém que possa ajudá-la a não sentir. Seu aparelho psíquico é tão frágil que a lubrificação diante da cena de seu pai morto no leito hospitalar e Katherine a olha-lo é pura descarga pulsional. Perante a dor inexplicável e sem uma rede de representações que simbolize a experiência, a descarga é o caminho mais curto da pulsão.

Mesmo após a perda do pai, nota-se que ele está presente do começo ao fim do filme. Joe busca-o nos momentos de angústia, acha um pouco de sossego e apaziguamento nas suas histórias, no seu herbário (que a ligava a ele), nas caminhadas repetitivas no parque que frequentava com ele durante sua infância.

Dessa forma, pode-se dizer que o pai é o “tudo bom” e a mãe é o “tudo ruim”, uma vez que no processo de constituição do eu, Katherine foi incapaz de exercer o papel de uma mãe suficientemente boa, e com isso, permitir a constituição e a introjeção de um objeto bom, no qual amor e ódio estão integrados. Em lugar de salvar o narcisismo de sua filha, Kay foi uma fonte de ameaça, produzindo experiências de dor. Esse raciocínio nos leva à terceira questão: Mas, o que Joe realmente busca?

(III) O que ela realmente busca?

A resposta, a princípio, pode parecer simplista: Joe busca o sexo, o prazer sexual. Não obstante, ao longo do filme, reconhece-se a existência de outros elementos em jogo. Sim, ela busca o sexo, porém não o prazer sexual, mesmo porque Joe é incapaz de sentir genuinamente o prazer – seu aparelho psíquico está demasiadamente ocupado em manter sua sobrevivência. O prazer, portanto, não é algo vivido plenamente, mas fugazmente; é apenas descarga. O sexo, para Joe, parece ter duas funções.

A primeira função é a do escoamento das pulsões não ligadas, as quais se dão na forma de atuações. Ou seja, Joe não tem um aparelho psíquico capaz de modular a intensidade das pulsões, segurá-las e ligá-las à rede de representações; sua rede de representações é “esburacada” e por isso, predomina a pulsão não ligada, que procura o caminho mais curto para a descarga, funcionando através do processo primário. No início da vida, o objeto primário funciona como um escudo protetor e é responsável pelo ligamento da pulsão, dando sentido às vivências do bebê através da palavra, da continência e

transformando sua angústia. Aos poucos, o bebê vai formando esse escudo protetor (paraexcitação) e sua rede de representações vai se fortalecendo. Ele alcança o processo secundário – regime de funcionamento que efetua a ligação da energia psíquica. O aparelho psíquico, então, é regido pelo princípio de realidade e como há ligação da pulsão, o adiamento da descarga é possível, assim como a obtenção de prazer, que pode se dar através de outras atividades. Para Joe, esse mecanismo não opera, qualquer estímulo é vivido como intenso e desestruturante, está sempre em “carne viva”. Ela não possui um escudo protetor forte o bastante que proteja seu aparelho psíquico da violência pulsional. Funciona, portanto, sob o regime do processo primário: não consegue fazer sentido de suas experiências emocionais, sua rede de representações não é consistente e conseqüentemente, a pulsão não se liga. Isso a lança na compulsão à repetição e às atuações.

Minerbo (2009) ao mencionar Laplanche, explica que a pulsão de morte⁵ para o autor nada mais é do que a pulsão sexual em seu estado de não-ligação, com todas as características da pulsão de morte. Ou seja, a compulsão à repetição, à tendência a zero (à descarga), à desfragmentação e muitas vezes, à violência.

O sexo para Joe não é uma questão de prazer, é uma questão de vida e morte. Não se relaciona ao desejo, mas à necessidade. Portanto, ela recorre a ele como forma de sobrevivência do eu e de alívio das angústias narcísicas. O sexo precisa ser obtido a qualquer preço.

A segunda função parece ser a de suportar a existência sem sentido através da busca frenética por parceiros (o sentido de sua existência torna-se possível graças ao outro). Além disso, parece que Joe busca no sexo uma forma de dar contorno e integração ao seu eu, invadido por angústias de aniquilamento e fragmentação típicas da não neurose. Desta forma, o apego desesperado é uma forma de unificação da representação do seu corpo – fuga da desintegração.

Anteriormente discutiu-se o quanto a mãe de Joe poderia não ter sido um bom objeto primário, tendo sido incapaz de “narcisar” suficientemente sua filha de forma a elevá-la ao

⁵ O conceito de pulsão de morte foi formulado por Freud, em 1920, em “Além do Princípio do Prazer”. Nesta obra, Freud opõe a pulsão de morte à de vida, na segunda teoria das pulsões. Sendo a pulsão de morte: a pulsão em seu estado não ligado, promovendo disjunções, tendendo a simplificar a vida mental levando-a ao estado de energia mais baixo possível; e a pulsão de vida: a pulsão em seu estado ligado, promovendo ligações, sustentando a complexidade da vida mental.

narcisismo secundário. Com isso, houveram falhas importantes na construção psíquica que fizeram com que ela necessitasse permanentemente de um objeto para sobreviver. Sem o outro, a sensação é de não existência, de morte. Por isso, Joe busca vida afora o que o objeto primário foi incapaz de fazer, ligamento da pulsão violenta. Então, antes do sexo, Joe busca um objeto de apoio que exerça o papel de manter o equilíbrio narcísico e desintoxique seu ego da angústia de morte, evitando ou processando-a por ela. O objeto de apoio é essencial em sua vida.

O pai de Joe exerceu o papel de objeto de apoio, garantindo um fluxo contínuo de amor e assegurando a Joe experiências mínimas de ter valor, de modo que ela se considerasse digna de ser amada. Ele a ajudava em sua autoestima e nas oscilações entre o “tudo” e o “nada”. Mas, com sua morte, Joe perde seu apoio e é lançada a um estado angustiante de esvaziamento. Ela, então, intensifica sua atividade sexual, chegando a fazer sexo com dez homens por noite, como uma forma de livrar-se da dor e dar contorno ao seu eu cada vez mais desfragmentado. Depois do pai, Joe cruza com outros personagens importantes em sua história. Essas relações possuem traços em comum, como será visto adiante, e levarão Joe ao encontro sistemático do caos, da violência, do desamparo e do abandono. Repetição essa que é expressão da pulsão de morte.

Segundo Figueiredo (1999) a pulsão de morte é um regime de funcionamento pulsional que está relacionado com o tipo de relação que a pessoa teve com seu objeto primário. Assim, se o objeto primário respondeu de forma suficientemente adequada à demanda pulsional, ele é internalizado como um bom objeto e a repetição terá como foco reencontrar o objeto de desejo, operando sob a pulsão de vida, a qual carrega consigo esperança e novas ligações. No entanto, se o objeto primário foi falho e se constituiu como uma ameaça, não efetuando as necessárias ligações, ele é internalizado como objeto mau. Então, instala-se o sistema de compulsão à repetição e o sujeito busca o fim da dor do traumatismo com uma procura incessante do objeto primário no mundo externo; ele procura alguém que mude a sua história, que o acolha e ajude a encontrar novos sentidos para a vida. Porém, o sujeito simplesmente não reconhece um objeto que não tenha as características traumatizantes, e então este objeto é continuamente recriado por identificação projetiva.

O objeto primário e falho foi internalizado por Joe. Assim, seu modo de ser, suas percepções e relações vão ser influenciadas por este objeto mau. Do começo ao fim do filme, vários indícios são dados de como Joe também reproduz o comportamento da mãe,

sendo fria, abandonadora e tirânica com os outros, assim como sua mãe aparentemente era. Joe reproduz o mesmo comportamento com o filho e seu trabalho mais promissor foi como chantagista e cobradora de dívidas, expondo os outros à violência e à submissão.

A seguir, apresento como a busca pelo objeto primário no mundo externo culmina no encontro de Joe com Jerome, K., P. e por último, Seligman.

4.2 Os Encontros de Joe

Neste trecho os principais encontros de Joe durante sua vida são analisados, pois eles ajudam a entender a caracterização da protagonista como não neurótica – cada encontro será analisado sob esta ótica. Eles foram ordenados de acordo com a sequência em que aparecem no filme.

Joe e Jerome

A primeira vez que Jerome aparece na história é quando Joe, aos quinze anos, vai à sua garagem e pede para que ele tire sua virgindade. Com poucas palavras trocadas e oito estocadas, Joe tem seu desejo atendido. Mais tarde, eles se reencontram, agora ele como seu chefe. Joe a princípio parece ter raiva dele e do ocorrido e não corresponde à sedução de Jerome. Entretanto, inesperadamente Joe se apaixona por ele, vê certa ordem no caos de sua mesa de escritório e de repente deseja ser um de seus objetos para ser largada e apanhada inúmeras vezes – como no jogo descrito por Freud do *Fort-da*, em que o bebê que vai gradualmente elaborando a ausência da mãe e com isso, tendo experiências de continuidade e esperança.

De fato, Joe é “largada e apanhada” por Jerome repetidas vezes durante o filme. Quando ela finalmente resolve declarar seu amor, Jerome havia partido com a secretária. Tempos depois, ela o reencontra no parque e ambos passam a morar juntos e a desfrutar de uma vida repleta de sexo. Joe pede diversas vezes que ele preencha todos os seus buracos, o que, a princípio, ele faz. Não obstante, com o passar do tempo, Joe perde a sensação da vagina, engravida e ele percebe que não pode atender a seu pedido; ela é “insaciável”. Logo, Jerome consente que ela tenha relações sexuais com outros homens, entretanto, ele não aguenta, começa a se distanciar de Joe, viajando cada vez mais a

trabalho. Ela, por sua vez, também não aguenta a angústia de não sentir nada e procura K., um sadomasoquista que a submete a sessões de chibatadas e tapas. Em um desses encontros, cada vez mais recorrentes e intensos, Joe deixa Marcel, seu filho, sozinho em casa. Ele se põe em risco de vida, mas é salvo pelo pai. Jerome, então, dá um ultimato a Joe: se ela saísse naquela noite de Natal, ela nunca mais os veria. Joe não aguenta e parte desesperadamente ao encontro de K.

Joe fica anos sem ver Jerome e toma conhecimento de que ele abandonara o filho em um abrigo. Seu próximo encontro com ele está novamente relacionado a trabalho, porém, dessa vez, ela deveria cobrar uma dívida dele. Não sendo capaz, pede para que P., sua companheira, o faça. Fica perturbada ao vê-lo de longe e conforme as parcelas da dívida vão sendo quitadas, Joe sente que P. está se envolvendo amorosamente com ele. Por isso, resolve mata-lo. Contudo, a arma não dispara e ele (e P.) a agride severamente, abandonando-a de vez.

Ao longo do filme, é possível enxergar Jerome segundo a ótica de Joe. Ora ele é “bom”, ora ele é “mau”. A princípio ele é um mau objeto, frio e calculista como a mãe de Joe. Ao fazerem sexo pela primeira vez, não há afetividade nenhuma – o trabalho é realizado com eficiência: ele simplesmente dá oito estocadas nela e continua a trabalhar em sua mobilete. Conforme eles vão se envolvendo afetivamente, o espectador o vislumbra como objeto total, com todas as nuances entre o bom e o mau. Vê-se o quanto Jerome pode ser um bom objeto de apoio a Joe: eles se divertem juntos e ele se esforça em fazê-la feliz. Com ele, Joe consegue perceber o quanto sua vida é vazia de sentidos e o quanto ela não “sente nada”. Isso a assusta, bem como o afeto de Jerome, que não pode e não é reconhecido como tal.

Em um enquadre externo adequado e acolhedor propiciado por Jerome, as pulsões de Joe parecem se ligar e ela consegue viver minimamente em equilíbrio, por um tempo. Todavia, vemos que ela demanda cada vez mais uma fusão e que ele preencha todos os seus buracos. Através do mecanismo de identificação projetiva, ela o põe no lugar do objeto primário, idealizando-o e se confundindo com ele de forma a encontrar algum alívio para as suas angústias. Jerome, em uma atitude de saúde psíquica, não sustenta esse lugar, percebe que não consegue dar conta de “alimentá-la”, conforme ele diz. Não logra ser o objeto primário idealizado, “tudo bom” e inesgotável que ela tanto precisa. Destarte, Jerome ingenuamente toma a decisão de deixá-la ter relações sexuais com outros homens. O que ele não percebe é estar reproduzindo o objeto mau e abandonador da infância de Joe,

empurrando-a para o desamparo e o caos pulsional tão conhecidos por ela. Ele defensivamente começa a se afastar: passa a viajar cada vez mais, a criticá-la como mãe.

Joe, por sua vez, percebe que está perdendo seu objeto de apoio, no entanto não consegue atender a seus pedidos intrusivos: de ser uma mãe mais atenciosa e menos negligente para com Marcel. Como, se ela está em pedaços? Ela também necessita de um bom objeto primário. O ódio vem como resposta ao sentimento de que ele não está exercendo o seu papel de objeto de apoio. Ao mesmo tempo, sente culpa e medo de perdê-lo; ela fica entregue ao desamparo e à angústia. Diante disso, ela recorre à atuação (sexo) e à autoagressão (encontros com K.) como formas de acabar com o sofrimento. Quanto mais eles vão se distanciando um do outro, mais Joe entra novamente na lógica da compulsão à repetição. E assim, sob a ótica da pulsão de morte e da repetição, Joe o “empurra” de vez para a mesma posição que o seu objeto primário ocupava: abandonador e traumatizante. Por fim, ele a abandona, juntamente com seu filho, Marcel.

Anos mais tarde, Joe deve cobrar uma dívida de Jerome; a dívida de tê-la abandonado. Jerome é o “todo mau”: abandonador e negligente, características também de Joe e de seu objeto primário. Curiosamente, quando Joe desconfia que P. está se envolvendo afetivamente com Jerome, ela resgata as velhas cartas de sua mãe e passa a jogar Paciência, mostrando o quanto ela está identificada com o “objeto mau” internalizado, tanto que resolve matar Jerome, pois em um mecanismo de cisão e identificação projetiva, ele carrega partes dela odiadas e insuportáveis. Ela precisa eliminá-lo, mas não consegue. Isso mostra também o quanto Joe inconscientemente tenta sair da lógica de destruição de sua vida.

Ao vê-la, Jerome a agride fisicamente e faz sexo com P. em sua frente, as mesmas oito estocadas. P. assume, então, o lugar de Joe na vida de Jerome, o que nos mostra o quanto Jerome não a compreende de verdade e o quanto isso impossibilitou que ele exercesse o papel de um bom objeto.

Joe e K.

K. é um personagem misterioso. Não é possível inferir muito a seu respeito, somente que ele gosta de submeter suas clientes a sessões de masoquismo, envolvendo chicotes,

tapas na cara, nós e açoitamentos. É ele quem comanda tudo e elas devem obedecê-lo, sem questioná-lo.

Joe diz a Seligman que busca o retorno da sensação sexual de sua vagina com K. Sob a ótica do presente trabalho sua pretensão é, em realidade, uma continência para a sua dor e angústia de viver. A dor, neste caso, parece livrá-la da angústia de aniquilamento e de separação do seu objeto de apoio (no caso, Jerome), dando algum contorno corporal e fazendo-a sentir através da dor que ela existe. O alívio é temporário, Joe necessita de doses cada vez maiores e mais intensas – a dor vem em sua dimensão aditiva.

K. representa o objeto mau em sua face mais tirânica e violenta. Ele excita e desperta a pulsão, contudo não dá continência, não a transforma através da palavra, mas através do ato e da violência.

Os encontros com K. mostram que é através da violência e da dor que Joe se sente amparada, pois é a experiência de estar viva que ela conhece e lhe é familiar. Tanto que é somente com ele que Joe consegue finalmente atingir o orgasmo. Joe e K. mantêm a mesma relação que ela tinha com seu objeto primário: frio, distante e violento. Quando há afetividade envolvida, Joe perde a sensação sexual de sua vagina, ela não sabe como agir e o que fazer, pois não tem o registro de uma relação realmente afetiva.

Joe e P.

L., chefe de Joe, pede para que ela comece a pensar em um herdeiro, alguém para continuar os seus negócios. Sugere que seja a tutora de alguém que tenha um passado difícil, abandonado pelos pais. A contragosto, Joe começa a acompanhar os jogos de basquete de P., uma menina de 15 anos, cujo pai está preso e a mãe morreu de overdose. Ela passara a vida em instituições e é excluída em grupos, principalmente por causa de deformação na orelha.

Joe se identifica com P., principalmente com sua solidão e exclusão. Ela se vê na garota: Joe também nunca se sentira fazendo parte da sociedade, especialmente por causa da sua adição sexual. Assim, ambas se aproximam e logo Joe assume a função de tutora legal de P., desempenha o papel de mãe para a menina. Entretanto, a relação delas se torna confusa: a princípio parece de mãe e filha, mas logo se torna sexual e também fusional. Não se sabe mais quem é quem, P. se parece cada vez mais com Joe: começa a

trabalhar com ela, vestir roupas parecidas com as dela, prender o cabelo como Joe e até a se envolver com Jerome. No começo P. assume um papel importante para Joe: cuida dela quando sente as dores terríveis dos abusos de K. Contudo, logo P. não consegue dar sequência e transformar todas as angústias de Joe; ela também precisa disso, até por ser muito parecida com Joe.

Não à toa, P. e Jerome começam a se envolver afetivamente. Tal como Joe, P. encontra nele alguém que exerça o papel de um bom objeto. A protagonista, perante a angústia de ser abandonada novamente, em uma atitude saudável, resolve se despedir e se mudar. Não obstante, a angústia é muito forte e ela retorna à procura de P.

Segue a cena em que os três se encontram e Joe é agredida por ambos. P. e Jerome a abandonam e ela permanece sozinha, machucada, no chão frio – uma metáfora para a sua condição psíquica. Novamente a protagonista se depara com o mau objeto/ objeto primário em sua versão mais violenta e abandonadora.

4.3 Seligman, o Pescador (In)Completo

“Fiquei com pena dele (...) Ninguém conhecia seu segredo. Provavelmente nem ele mesmo. (...). Ouça, ele é um homem que conseguiu reprimir o próprio desejo, que nunca antes havia cedido a ele até que eu o forcei a sair. Ele tinha vivido uma vida de negação e nunca tinha feito mal a ninguém.” Joe

Seligman é um personagem fundamental na trama. É ele quem resgata Joe do abandono e a leva para sua casa. No momento em que Joe começa a contar sua história de vida, a de Seligman vai se desvendando. Ele é judeu e apesar de não se considerar religioso, demonstra ser um grande entendedor das religiões, principalmente da católica. Logo se mostra apaixonado pela pesca e, principalmente, pela literatura, além de grande conhecedor de música clássica. É quase impossível não compará-lo ao próprio Lars von Trier.

O quarto de Seligman, onde se dá toda a conversa com Joe, é uma expressão de si, com fragmentos de seus interesses: a pesca, os livros, a música, uma pintura clássica e uma pintura da igreja católica. E também da sua vida: uma cama de solteiro no canto, um papel de parede velho e descascando, uma janela que dá para uma parede e por onde o

sol não entra. A sensação é a de um lugar sem vida, escondido e velho; repleto de conhecimento e vazio de afetividade.

Quando Joe descobre que o nome de Seligman significa “o feliz”, ela logo pergunta se ele é feliz, ao que ele responde que sim, à sua maneira. Então, explica que divide a humanidade em dois grupos: os que cortam as unhas da mão direita primeiro e aqueles que cortam primeiro as da mão esquerda. Ele se encaixa no primeiro grupo e a maioria das pessoas no segundo grupo porque aproveitam mais a vida ao irem direto para a tarefa mais fácil, deixando as dificuldades para depois. Joe se encaixa no segundo grupo: “sempre a esquerda primeiro. Não acho que há escolha. Vá para o prazer primeiro, e em seguida, após fazer a mão esquerda sobra só a direita, e ela é a mais fácil que sobrou”.

Essa cena demonstra o quanto Seligman é diferente de Joe. Ele, ao contrário dela, acredita nas instituições, na moral e principalmente, no projeto da sociedade. Solitário, com seus livros e racionalizações, parece ter se protegido da vida naquele quarto, onde o sol não entra. Ao contrário de Joe, cuja vida é sinônimo de turbulência e caos, a de Seligman é calma e previsibilidade. Ele demonstra ter aprendido tudo nos livros e suas defesas intelectuais são muito estruturadas, embora sua afetividade e sexualidade se mostrem cindidas, ou seja, encontram-se em estado bruto, sem contato algum.

Ao longo de toda a conversa, Joe provoca Seligman em suas racionalizações e seguranças, não só pelo fato de sua vida ser tão diferente da dele, mas também por tratá-lo tiranicamente. Frente aos ataques de Joe, Seligman por vezes se cala, raramente a confronta. Ele, por sua vez, é muito acolhedor, ouvindo sua narrativa do começo ao fim, com muito interesse, incentivando-a e desconstruindo suas histórias. Seligman é o próprio pescador: lança uma isca irrecusável a Joe, a função de continência que ela tanto precisa.

O final da conversa entre os dois é de extrema importância, por isso transcrevo o trecho a seguir (1h51min do volume II):

Seligman: No começo você disse que o seu único pecado era exigir mais do pôr do sol. Acho que quis dizer que queria mais da vida do que lhe cabia. Era um ser humano exigindo os seus direitos. Mais do que isso. Era uma mulher exigindo seus direitos.

Joe: Isso perdoa tudo?

S: Acha que se dois homens tivessem procurado mulheres em um trem, alguém teria se chocado? Ou se um homem tivesse levado a vida que você levou? E a história da Sra. H teria sido banal se você fosse um homem e sua conquista tivesse sido uma mulher.

Quando um homem abandona seus filhos por seu desejo, aceitamos com um encolher de ombros. Mas, você, como uma mulher tinha que assumir uma culpa, uma carga de culpa que jamais poderia ser amenizada. E tudo somado, toda a culpa, que você acumulou ao longo dos anos, tornou-se demais e você reagiu agressivamente, quase como um homem, devo dizer. Você revidou. Revidou contra um gênero que vinha oprimindo, mutilando e matando você e milhões de mulheres.

J: Mas eu quis matar um ser humano.

S: Mas não matou.

J: Por um acaso.

S: Você o chama de acaso. Eu chamo de resistência do subconsciente. Para todos os efeitos, você quis matar. Mas, no fundo, você celebrava o valor humano, num véu de esquecimento que envolveu seu conhecimento de como recarregar uma arma.

Após essa última fala, Joe afirma que contar sua história a tranquilizou e toma a decisão de se livrar de sua sexualidade, mesmo sendo muito difícil. Seligman questiona tal resolução perguntando se é um esforço que valeria a pena, ao que Joe responde que somente assim conseguiria viver sua vida. Ela, então, permite-se chorar e vislumbrar um “final feliz” para si e fazer, pela primeira vez, um projeto para si com a ajuda de “seu novo e talvez primeiro amigo”, Seligman.

Neste momento, Joe morde a isca. Mais uma vez, através da identificação projetiva, ela idealiza Seligman e cola-se nele. Ele se torna seu objeto salvador, o “tudo bom”, o bom objeto primário que ela tanto buscou ao longo de sua vida e que sempre lhe aparecera em versões do mau objeto internalizado.

De repente, Joe quer viver sem a sua sexualidade, como ele. Porém, a sexualidade em si não é o dilema da protagonista e Seligman utiliza o discurso intelectual da sociedade hipócrita, julgadora e opressiva com as mulheres para encobrir isso. O que ela realmente precisa é de um acolhimento mais primitivo, como um bebê que necessita da mãe para tolerar seu sofrimento e enfrentar o mundo. Ela precisa de um bom objeto de apoio que dê sentido para as suas experiências emocionais, que a ampare na sua angústia e a ajude a se perceber. Seligman não é capaz disso e como um bom pescador, lança a isca para capturar a presa e matá-la.

4.4 O Final do Filme

Lars von Trier surpreende no final do filme. Quando Joe finalmente diz encontrar um novo amigo, alguém que a escute e a ajude a enfrentar suas angústias, Seligman entra no quarto, sem as calças e tenta fazer sexo com Joe. Ela se assusta, pega a arma, escuta a justificativa de Seligman – “Mas você transou com milhares de homens” – atira e sai correndo.

Essa cena mostra o quanto as histórias e a presença de Joe afetam o equilíbrio narcísico de Seligman e abalam profundamente toda a estrutura psíquica construída por ele para se proteger de sua afetividade, como a um refúgio psíquico⁶. Ao entrar em contato com Joe, suas defesas psíquicas se abalam e as coisas fogem do controle. Isso demonstra como todo o seu conhecimento e racionalização sobre a vida não passam de defesas. Seligman, assim como Joe, também tem um aparelho psíquico frágil, é incapaz de compreender e dar conta das angústias de Joe, uma vez que ele mesmo não sabe lidar com suas próprias angústias. Todas as vezes que Joe vai contra as certezas de Seligman, vemos o quanto ele fica abalado; por exemplo quando ela conta que fez sexo oral em um pedófilo após descobrir seu segredo e sentir pena dele e de sua condição. Joe argumenta o quanto é difícil viver negando a sua sexualidade e de que aquele homem era muito bravo, por ter resistido ao seu desejo. Seligman fica sem reação, a única coisa que consegue falar é xingá-lo de “porco”.

Destarte, Joe cruza novamente com um mau objeto de apoio, invasivo, incompreensivo e violador. Seligman é um pescador: captura a presa, oferece alimento e acolhimento – tudo aquilo que Joe necessita – para depois mata-la (ele a empurra novamente para o ciclo destrutivo e compulsivo de sua vida). Ele é como uma mãe que não consegue se ajustar às necessidades de seu bebê e acaba sendo intrusiva ou omissa por demais, causando sofrimento psíquico a ele.

Coincidentemente, o nome do primeiro capítulo do filme é “O pescador completo” e é o momento em que Seligman mostra todos os seus conhecimentos sobre a arte de pescar e convence Joe a contar sua história. O espectador é levado a pensar que quem está

⁶ O conceito de refúgio psíquico elaborado por Steiner (1997) propõe que certos pacientes se protegem da ansiedade e do sofrimento através de defesas poderosas que os transportam para uma área de relativa tranquilidade, poupando-os do contato com a realidade impossível de ser suportada. Assim, “surgem sérios problemas técnicos com pacientes que recorrem frequente, excessiva ou indiscriminadamente ao refúgio psíquico” (p. 17). Há uma pausa no crescimento e desenvolvimento pessoal e eles se sentem, então, presos em suas próprias amarras.

seduzindo e atraindo suas presas é Joe quando, na verdade, é Seligman, o pescador. Todavia, ele não é completo e sim incompleto: sua presa escapa e ele é quem acaba ferido ou morto; não se sabe.

O final pode parecer trágico, afinal Joe acaba matando de fato um ser humano, algo com o que ela se ressentia anteriormente. Pela primeira vez, contudo, ela toma uma atitude para se defender de alguém violador. Imersa na compulsão à repetição e na recriação do mau objeto incorporado, o fato de mata-lo é uma tentativa de dar um basta e um limite à sua dor e ao mau objeto abusador; uma tentativa, portanto, de sair do ciclo repetitivo de sua vida.

O final de *Ninfomaníaca* vai de encontro com o final dos outros dois filmes da trilogia da Depressão, *Anticristo* (2009) e *Melancolia* (2011) de Lars von Trier. Em todos os três, a morte está presente como uma forma de libertação ou transcendência, mesmo que de maneiras complexas e não habituais. É possível pensar então, na morte de Seligman como a tentativa de Joe em dar um fim a este ciclo de abuso e destruição. Como ela lidará com isso, entretanto, somente nossa imaginação pode dizer.

CONCLUSÃO

Procurei, com esta pesquisa, oferecer alguma contribuição ao estudo sobre a não neurose, forma de subjetividade cada vez mais presente em nossa sociedade e conseqüentemente, na clínica. Freud ao dar voz àqueles que não eram escutados, lançou um método único, que desde então se questiona e se reinventa. A teoria psicanalítica está sempre em movimento porque a sociedade e o ser humano estão sempre em transformação. Por isso, acredito que a busca constante e fundamentada pela compreensão das diversas formas de ser e de sofrer do ser humano devem ser ininterruptas. Somente assim nos aproximamos da realização de um bom trabalho.

Para tanto, deve-se estar atento às diversas manifestações culturais e sociais, pois elas traduzem maneiras de sentir, pensar e agir da sociedade, que nada mais são do que formas de subjetividade expressas no coletivo. Como lembra Minerbo (2009) as formas de sofrimento psíquicos são determinadas por certa forma de apreender o mundo, consubstancial à cultura na qual/por meio da qual aquela subjetividade se constitui.

Considero o cinema uma das formas mais valiosas de expressão do ser humano, porquanto reflete sobre suas questões mais íntimas e brutais. Assim como a sociedade e o homem, o cinema também está sempre em mutação e os temas mais complexos sempre servem de tema às artes, conforme expõe o grande cineasta russo:

Por meio do cinema é necessário situar os problemas mais complexos do mundo moderno no nível dos grandes problemas que, ao longo dos séculos, foram objetos da literatura, música e da pintura. É preciso buscar, buscar sempre de novo, o caminho, o veio ao longo do qual deve mover-se a arte do cinema (Tarkovski *apud* Arielo, 2013, p.132).

Dessa forma, minha escolha por um dos filmes de Lars von Trier como objeto de estudo para o presente trabalho não foi acidental. Acredito que ele seja um dos diretores contemporâneos que mais nos provoca e nos leva a refletir sobre a condição humana, em toda sua crueza, violência e redenção; com o filme *Ninfomaníaca*, não poderia ser diferente.

Ninfomaníaca, ao contar a história de Joe e todas as suas aventuras sexuais e desventuras afetivas, impressiona não só pelo caráter aditivo da sexualidade da personagem principal, mas também por um estado de vazio de sentidos em que ela se encontra. Nada a move, ela parece estar imersa em um estado de total desamparo, que a

leva a um crescente de dor e abandono. Não só o ato sexual é repetitivo em sua vida, mas também os relacionamentos que trava. Percebe-se que a sua subjetividade não se aproxima da neurose, seu sofrimento não se refere à angústia de castração e às complicações na relação com o objeto, mas a algo anterior.

Joe pode ser vista como um exemplo de uma subjetividade não neurótica. Seu ego é frágil, preocupado em manter a sobrevivência psíquica e sem capacidade de lidar com as invasões pulsionais violentas. Ao contrário do que diz Seligman, Joe não busca no sexo uma forma de exigir seus direitos de mulher e também não é uma reação agressiva à opressão dos homens. Trata-se de atuações; Joe busca no ato sexual uma forma de dar vazão às suas pulsões não ligadas, de se livrar das angústias que a invadem e às quais ela não consegue dar uma representação. É uma forma de dar integração ao seu ego fragmentado e de se sentir viva. O sexo para Joe, não é prazer, é necessidade. Estamos no território da não neurose.

A subjetividade não neurótica pode se apresentar de diversas formas e fazem parte dela todas as patologias relacionadas aos problemas na constituição do narcisismo, podendo se organizar através das compulsões e adições, distúrbios alimentares, somatizações, perversões, violências, entre outros. Optei, neste trabalho, por autores como Marion Minerbo, Mauro Hegenberg e Luis Cláudio Figueiredo, que apresentam uma visão aprofundada sobre a não neurose e a condição borderline e me auxiliaram a pensar sobre o meu objeto de estudo.

O filme fornece pistas da condição subjetiva de Joe e também de como se deu seu processo de constituição psíquica. Seu objeto primário, Katherine, parece ter sido incapaz de ocupar o lugar de uma mãe que acalma o bebê, através das palavras, do toque e da continência. A mãe suficientemente boa se põe onde é esperada e aos poucos, à medida que o bebê pode suportar, vai frustrando-o e com isso, ajudando-o a discriminar a existência de um não-eu. Katherine foi um objeto primário traumatizador e por isso, incapaz de sustentar o narcisismo da filha.

Joe passa a procurar no mundo alguém que exerça o papel de objeto primário, que a compreenda e dê sentido para as suas experiências emocionais. Seu pai exerce o papel de um bom objeto de apoio, tranquiliza Joe e garante que ela se sinta minimamente amada. Contudo, por ser um homem muito ligado à ciência e ao lado objetivo da vida, é incapaz de ajudar Joe a dar um significado às suas angústias. Jerome consegue exercer o papel de um bom objeto de apoio por um tempo, embora não suporte as exigências desmedidas dela

e suas atuações, acabando por abandoná-la. K. é a personificação do mau objeto, pois percebe a demanda, mas ao invés de oferecer continência, oferece a dor submissa e a violência. P., por sua vez, é uma menina que também necessita de acolhimento. Seu psiquismo também se constituiu em meio a condições traumáticas, e, por isso, acaba abandonando Joe por achar em Jerome alguém que lhe ofereça algo, ao invés de demandá-la. Por fim, Seligman se apresenta como alguém capaz de oferecer continência a Joe através das palavras e sobreviver aos seus ataques para então se mostrar também um mau objeto abusivo.

O encontro com o objeto é decisivo. Conforme Minerbo (2009) sugere ele pode facilitar ou dificultar o processo de subjetivação do sujeito. A relação com o outro, todavia, sempre vai se dar a partir de uma estrutura psíquica preexistente. Dessa forma, Joe introjeta o mau objeto primário de sua infância sentenciando seu encontro com o outro a sempre estar permeado por ele, assim como sua forma de ser e agir sobre o mundo. “Do ponto de vista metapsicológico, destino é essa interação entre acaso e determinismo; entre o objeto encontrado e a maneira pela qual ele foi significado e incorporado ao psiquismo, modificando-o” (Minerbo, 2009, p. 243). Joe necessita, então, de alguém que sobreviva aos seus ataques e que o ajude a integrar o objeto bom ao mau.

A beleza do filme é mostrar a força que os encontros propiciam, seja o encontro do bebê com sua mãe, o de dois amantes, o encontro com a violência pulsional ou ainda, o encontro do paciente com o analista. *Ninfomaníaca* nos lembra como a busca por si é importante e como o outro é fundamental nesse processo. O que importa é ter a coragem de olhar para o pôr do sol e ver todas as cores que ele pode propiciar.

REFERÊNCIAS

ANTICRISTO. Direção: Lars von Trier. Produção: Meta Louise Foldager. Dinamarca, 2009. 108min.

ARIELO, Flávia Santos. *O mal em Anticristo de Lars Von Trier: considerações sobre o mal, a teodiceia e o gnosticismo*. São Paulo, 2013. 143p. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

CINTRA, Elisa Ulhoa; FIGUEIREDO, Luís Cláudio. *Melanie Klein: estilo e pensamento*. São Paulo: Escuta, 2004.

FALCÃO, C.N.B; KRUG, J.F; MACEDO, M.M.K. *Do passado à atualidade: a psique pede passagem*. In: MACEDO, M.M.K (org.). *Neurose: leituras psicanalíticas*. Porto Alegre: Edipucrs, 2005, p. 29-59.

FIGUEIREDO, Luís Cláudio. *Palavras cruzadas entre Freud e Ferenczi*. São Paulo: Escuta, 1999.

_____. *Psicanálise: elementos para a clínica contemporânea*. São Paulo: Escuta, 2003.

FREUD, Sigmund (1888). Histeria. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, vol. I. 3. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

_____. (1905). Três ensaios sobre a sexualidade. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, vol.VII. 3. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

_____. (1914). Sobre o narcisismo: uma introdução. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, vol.XII. 3. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

_____. (1920). Além do princípio de prazer. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, vol.XVIII. 3. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

_____. (1923). O ego e o id. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, vol.XIX. 3. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

_____ (1924). Neurose e Psicose. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, vol.XIX. 3. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

_____ (1931). O mal-estar na civilização. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, vol.XXI. 3. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. *Introdução à metapsicologia freudiana*, v.3. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

HEGENBERG, Mauro. *Coleção Clínica Psicanalítica: Borderline*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

LAPLANCHE, J; PONTALIS, J.B. *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LASCH, C. *A cultura do narcisismo*. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

MELANCOLIA. Direção: Lars von Trier. Produção: Meta Louise Foldager. Dinamarca, 2011. 136min.

MIJOLLA, A. *Dicionário Internacional de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 2005.

MINERBO, Marion. *Coleção Clínica Psicanalítica: Neurose e Não Neurose*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.

MOHR, A. et al. Narcisismo: o enlace da Mitologia com a Psicanálise. In: MACEDO, M.M.K (org.). *Neurose: leituras psicanalíticas*. Porto Alegre: Edipucrs, 2005, p. 61- 84.

NINFOMANÍACA: *Volume 1*. Direção: Lars von Trier. Produção: Zentropa Entertainments. Dinamarca, 2013. 117min.

NINFOMANÍACA: *Volume 2*. Direção: Lars von Trier. Produção: Zentropa Entertainments. Dinamarca, 2013. 124min.

PACHECO-FERREIRA, F.; MELLO, R.; VERZTMAN, J. Algumas peculiaridades do manejo clínico nos sofrimentos narcísicos. In: FIGUEIREDO, L.C; SAVIETTO, B.B; SOUZA, O. (org). *Elasticidade e limite na clínica contemporânea*. São Paulo: Escuta, 2013, p. 239 – 256.

POLLETO, M. Neurose e psicose: semelhanças e diferenças sob a perspectiva freudiana. *Psicanálise e Barroco em revista*, v.10, n.2, p. 01-13, dez. 2012.

SALEM, P.; KLAUTAU, P. Narcisismo primário e identificação adesiva nas patologias narcísico-identitárias. In: FIGUEIREDO, L.C; SAVIETTO, B.B; SOUZA, O. (org). *Elasticidade e limite na clínica contemporânea*. São Paulo: Escuta, 2013, p. 223 – 238.

STEINER, J. *Refúgios psíquicos: organizações patológicas em pacientes psicóticos, neuróticos e fronteiriços*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.